

## Povo Preto, Pan-Africanismo e Poder Preto

Publicado por X · 29 de outubro, 2018 · Diáspora Afrikana ·

Debate entre Kwame Ture e Molefi Asante, com as devidas correções, acréscimo de notas e comentários, inclusive com indicação de leituras e links ativos para livros e ensaios ao fim deste estudo, além desta breve introdução, que lançamos, abaixo, com algumas reflexões que bateram durante esta nossa revisão por este material. Bons estudos! É pelo Povo Preto, é pelo Pan-Africanismo, é pelo Poder Preto!

\*\*\*

Começamos de forma categórica: como Marcus Garvey é grande! No que tange à sua contribuição ao Pan-Africanismo, segundo John Henrik Clarke, *“Ele aderiu ao seu conceito de Pan-Africanismo a possibilidade de estabelecer um braço comercial, um braço militar e um braço cultural para alcançar a libertação e manter a libertação dos Povos Africanos onde quer que estejam na face da Terra.”* Agora, pense em Kwame Nkrumah – uma das grandes influências pra Kwame Ture, conforme se pode ver no debate. Formado em Acra, é durante os estudos pro seu mestrado em filosofia, na Pensilvânia (EUA), que o irmão teve como livro de cabeceira nada menos do que o ‘Filosofia e Opiniões’, do Honorável Marcus Garvey – e como orientador, nada mais que o Doutor John Henrik Clarke. Nesse ponto, traremos, para efeitos epistêmicos, “A Ideia Afrocêntrica”, teoria sistematizada por Molefi Kete Asante, que prediz que *“Consciência precede união”*; veremos como, embora em sentido oposto, o *Consciencismo* – filosofia pensada por Nkrumah que prediz que (por um lado) *“Prática sem pensamento é cega;”* – paralelamente pode ser visto numa posição equivocada que meio que se pergunta: *estas duas máximas não defendem a mesma coisa, ao menos em essência?* Ora, bastaria recorrer à “antítese” a tese (numa *práxis...*) de Nkrumah acima para responder com um *não* – dirá Nkrumah, na sequência: *“pensamento sem prática [por outro lado] está vazio”*. Seria a Afrocentricidade *analógica* e o Consciencismo *dialético*? É o que *parece* ocorrer no debate (disponível através do Canal OSH1 Autoimagem) Molefi Asante “vs” Kwame Ture: o embate entre método analógico e método dialético. Bom, começemos por fundamentar esta afirmativa num ensaio de Molefi Asante pra ‘Coleção Sankofa’, 4º vol. – ‘Afrocentricidade: notas sobre um posição disciplinar’. Primeiro, vamos nos deter sobre uma das principais ferramentas usadas pela metodologia analógica, que é a *comparação* – e por citar Asante:

(...) é fato que não se pode empreender a historiografia de comunidades Africanas sem uma séria intervenção intelectual da parte de estudiosos que, com um olhar Afrocentrado, vão resgatar o ensino sobre a África das garras de antropólogos cujo único propósito é, ao que parece, desenvolver sua ética da comparação. A ideia de comparação não é necessariamente a fonte de equívocos eurocêntricos, mas não duvido que seja um fator concorrente.

Citamos este trecho apenas para derrubar o mito de que a Afrocentricidade procura fazer a leitura da história geral como desdobramento da história europeia (há quem diga que flerta mesmo com revisionismo, difusionismo; reducionismo...), sobretudo no que diz respeito à história da África e dos Africanos. Muito porque, antes de sair em defesa da dialética (argumentando que a dialética é Africana e pã, e ainda que Asante esteja ciente disso), é nossa resposta “colocar os pingos nos is”.

O que Molefi Asante propõe não é que a cultura esteja acima de tudo e de todos, e sim uma nova abordagem (sobre a cultura, *também*), de um lugar centrado nos Africanos “*como sujeitos e como agentes*” – e isso só se faz possível por meio de uma *conscientização*, lembra? – “*Consciência precede união*”. Ao fim deste documento, disponibilizamos esse volume, o 4º, da ‘Coleção Sankofa’ – o importante aqui é sustentar nossa afirmação – de que o método por detrás do discurso de Asante é o *analógico*, com ênfase para um de seus instrumentos, a comparação – e nessas de comparar é que surgem as confusões... Vamos à segunda citação a Molefi Asante:

Para o Afrocêntrico não existe um antilugar. Ou se está envolvido com uma posição ou com outra. Não se pode estar num lugar que não existe, já que todos os lugares são posições. Não posso conceber uma antiperspectiva porque, não importa o que eu perceba, estou ocupando um lugar, uma posição, mesmo que essa perspectiva seja chamada de antiperspectiva.

Em uma poderosa ética de comunicação e interação entre sujeitos, o Afrocentrista estabelece que a agência Africana é comparável à de qualquer ser humano. Se você quiser falar de ciência, falaremos de ciência. Se quiser falar de astronomia, falaremos de astronomia. Os Africanos devem ser vistos como atores no palco planetário, não como cidadãos de segunda classe.

Com isso, nos posicionamos para além de qualquer “hegemonia” – tanto de direita como esquerda, e de quebra, desmistificamos, de antemão, a ideia de que a Afrocentricidade é romantização barata... Feito isso, podemos dar o próximo passo em nosso estudo, trazendo à tona Kwame Ture – pra quem Kwame Nkrumah seria a pessoa “mais brilhante” a que chegara a conhecer – que lança uma provocação, óbvio que para Molefi Asante, no debate aqui transcrito, e é o trecho que segue:

Eu não sei porquê a palavra ‘Afrocêntrico’... Por que não Pensamento Africano, ao invés de *Pensamento Afrocêntrico*? Eu não desejaria um Pensamento Afrocêntrico na Europa. Eu só quero manter ‘AFRICANO’. A história mostra – e quando olho a história europeia, faço isso com os olhos de um Pan-Africano –, o fato que sempre destacamos, que a base está na cultura, não é nada novo. Marcus Garvey disse isso. E isso foi há muito tempo. Óbvio que... se ler Nkrumah, ele disse isso. Já li todos os grandes livros. Li ele, Marx, Lenin...

Li grandes livros, mas o que mais acendeu o entusiasmo foi ‘Filosofia e Opiniões’ do Honrável Marcus Garvey. Então, é nítido que encontrar escritos no caminho do resgate, te levará de volta ao que Marcus Garvey disse [!]. A África sempre esteve numa luta cultural. Aliás, nós pensamos que um dos problemas com a... ‘revolução europeia’, é que eles fizeram uma revolução cultural. Isso foi feito fora da Europa, desde os anos 60. Mao Tse-tung fez revolução cultural. A revolução cultural Africana por toda América Central, Sul e Caribe – é revolução cultural. Então, a cultura sempre esteve na luta.

Revolução cultural foi feita por todos que foram colonizados. Porque a primeira coisa a se recuperar – É A CULTURA, para que ela *conduza* o movimento. Então, quando falo de Afrocentrismo, é antes uma luta pela reconquista da integridade da nossa cultura. E nessa luta, é preciso travar batalhas sérias. Não apenas cai do céu, e você lê vários livros e diz “*Ok... já fiz minha cabeça, deixe-me assistir a luta*”. Não, é *em* luta que você se torna politicamente desperto. Não é fora – é na luta! Porque SÓ A AÇÃO COMPROVA A TEORIA.

Ora, tendo em mente que a teoria de Asante – mas, sobretudo, alguns teóricos Afrocêntricos que, em sua defesa da *agência*, propõem o protagonismo daquilo que entendem por cultura Africana num plano *particular* – tendo em mente que isso implica abrir mão de ferramentas de análise, segundo alguns tais, “eurocentradas”, como seria o caso do *materialismo histórico* – enquanto a filosofia de Nkrumah tem no materialismo seu fundamento primário; quer dizer, enquanto a teoria do irmão Asante pode levar à crença de que a cultura é uma entidade (extra/supra-física, metafísica até...) – a filosofia de Nkrumah não parece a mais adequada a lidar com a dinâmica realidade em que vivemos – tendo em vista a sociedade ‘líquida’ a que tamo submetidos, nós, Africanos? A ‘metodologia’ adequada não seria a dialética? Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito. Está lançada a provocação.

Analogia nos permite *aproximar* – o que não implica em *conflito*, como na dialogia... o ponto aqui é: se por um lado, Molefi Asante – por seu método, em última análise, analógico – está correto em afirmar a cultura Africana, e que podemos resgatá-la; por outro, Kwame Ture – ao sair em defesa da dialética, em sendo esta baseada no conflito na Consciência Africana, segundo Nkrumah – nos oferece uma compreensão ímpar sobre a cultura, de que a cultura está em constante movimento; ao contrário da analogia, culturas se chocam, e resíduos duma podem ser assimilados pela outra, e vice-versa, até por isso Ture fala sobre *imposição cultural vs integridade cultural*; o que, por sua vez, sugere a dialética como metodologia – o *conflito*, a *contradição*, encruzilhada como princípio e fator a ser levado em conta – o que, por si só, fornece ferramentas discursivas suficientes pra criarmos antíteses, a tal “antiperspectiva”... Mas se estamos travando uma guerra psicológica – e se esta guerra passa por uma “disputa de narrativas” – porque não conciliar as visões dos irmãos, tal como sugere um irmão da plateia no debate, que faz uma analogia sobre os dois lados do cérebro (as abordagens em questão) – pegando o melhor da Afrocentricidade e articulando por meio da nossa dialética, que a tudo analisa de um ponto de vista crítico? Foi isso o que possibilitou “colocar os pingos nos is” aqui, tanto na abordagem *Afrocentrada* quanto na abordagem *Coscientista*, e então realizarmos esta nossa investigação. E cá estamos nós, entre o ideal de cultura “aristotélico” – onde somente alguns bons, os “sábios”, podem acessar a cultura; e os princípios da cultura Africana, a saber, circularidade, dinamismo, pergunta/resposta; respeito à diversidade, xenofilia etc....

Aristóteles sistematizou todo o saber antigo – tal como Molefi Asante sistematiza a visão Africanocêntrica na contribuição de Edward W. Blyden, Carter G. Woodson, Arturo Schomburg, John G. Jackson, George G.M. James, J. A. Rogers, Marcus Garvey, Zora Neale Hurston, Chancellor Williams, Cheikh Anta Diop, John Henrik Clarke etc.; todavia, por ser Aristóteles cria da aristocracia grega – herdeiro da tradição dos *aristoi*, que significa “os melhores” – já podemos prever que o “natural” para ele era nada menos que o ideal platônico revisado – tal como o ideal marxiano revisado: e o “filósofo” – a “intelligentsia” membro da sociedade civil, na contemporaneidade... – a “vanguarda”, a “hegemonia” (e a “contra-hegemonia”), os “escolhidos” estão por aí... Desse ponto de vista, a cultura é uma entidade, é tudo aquilo cultuado na academia – as “prerrogativa pós-colonial” da vida; o “outro”, a “diferença”; multiculturalismo... todo esse engodo produzido pra nos desviar das questões que deviam ser debatidas. Já de uns dia, com esse campo de investigação em aberto, mitos vão sendo varridos, e se a cultura é uma entidade, o é enquanto organismo vivo, e não peso morto. Não podemos perder isso de vista, ao nosso ver; por isso, saímos em defesa da dialética.

E as sociedades tradicionais Africanas, ao contrário do que afirmam muitos estudantes que se dizem “Afrocentrados”, são profundamente materialistas – do ponto de vista prático. Mas – a despeito do revisionismo (que pode acabar levando alguns ‘leitores ilógicos’ a repetir a história) e do difusionismo inerente à aposta Afrocêntrica – porque tal fato não é difundido? Ora, ao nosso entender, porque muitos dos irmãos supostamente Afrocêntricos só sabem ler a história da África e dos Povos Africanos como um desdobramento da história europeia – quando não, como sendo seu total oposto, sendo que tal historiografia atribui os movimentos da história à força de alguns agentes isolados, o que é caro ao seu individualismo, seu anti-coletivismo... É claro que isso não se aplica quando ela ousa em definir para os outros povos, aí, eles são a Europa; nós, o ‘outro’, a ‘diferença’, ponto fora da curva.

Há nada de errado *com a teoria* de Asante – cuja qual somos aderentes, inclusive; o problema, mais uma vez, se deve aos ‘leitores ilógicos’, contra os quais o próprio Kwame Ture aponta que devemos lutar, pois representam uma ameaça à revolução, seja ela econômica ou “cultural” – aliás, toda revolução é cultural (!), vide nossa citação à Ture, ainda no início desta exposição. Ademais, trata-se de abordagens díspares: Kwame Ture acredita que não se pode julgar uma teoria por seus aderentes, senão por seus princípios; Molefi Asante, por sua vez, fala que julga o cristianismo pelos cristãos... essa é a diferença! Por exemplo, estamos de acordo com muito daquilo que diz Marimba Ani – como não concordar, quando a irmã diz que “*sua cultura é seu sistema imunológico*”?; dedicamos, inclusive, um estudo só sobre sua contribuição – só não concordamos quando a irmã tenta sustentar que a orientação sexual de alguns de nossos irmãos e irmãs seria orientada pelo prazer, ao que nos opomos frontalmente – e o afeto, onde fica o afeto? Segundo ela, homoafetividade seria meio que um “desvio” ocasionado pós-Maafa; ainda, porque os Povos Africanos se orientam pela complementariedade masculino-feminino – ora, e não há uma dose de feminino no masculino e vice-versa, como no Yin-Yang?... Ao nosso ver, este é um argumento perigoso, visto que se trata, aí, de um discurso que vai de encontro com a autodeterminação de nossas irmãs e irmãos, ainda mais, em última instância, atenta potencialmente contra sua integridade física. Isso não passa como uma simples questão ético-moral ou de caráter; ora, não seria mais prudente dizer que não existia distinção de gênero em África pré-colonial? Este é o ‘essencialismo’ que costumam atribuir, vejam vocês, aos Pan-Africanistas, mas que, repetimos, se devem aos leitores ilógicos pseudo-Afrocentrados... Taí nossa leitura.

É isso. Mas o que queremos dizer quando afirmamos que as sociedades tradicionais Africanas são profundamente materialistas? Quando lemos os estudos Africano-cêntricos, chegamos ao seguinte entendimento: que a matéria tem capacidade de *auto-movimento* – quer dizer, a matéria não apenas nos *impressiona*, não apenas *forma* nossa consciência... ela *é* consciência! Não somos simplesmente “produtos do meio” – nós é início-meio-fim, aqui-e-agora! Mas tipo o estudioso Africano-centrado Cheikh Anta Diop aponta em ‘Civilização ou Barbárie’, sobre a civilização Kemética:

Mas as coisas mudam radicalmente com a escola materialista grega: os princípios, as leis da evolução da natureza, tornam-se propriedades intrínsecas da matéria, que já não precisam ser dobradas, mesmo simbolicamente, com alguma divindade, que são suficientes para eles mesmos. Do mesmo modo, todas as *primeiras causas* da natureza divina são rejeitadas: o mundo não teria criado nenhuma deidade, a matéria sempre teria existido.

Embora esse pensamento seja também o desenvolvimento lógico do componente materialista da cosmogonia Egípcia, ele se separou bastante do seu modelo para se tornar propriamente grego: o materialismo ateu é uma criação puramente grega. O Egito e a África Negra parecem ter ignorado. Quanto às condições sociopolíticas de seu nascimento, essa é uma outra história.

E porque o materialismo, e não outra coisa? Aí, nos voltemos ao ‘Consciencismo...’ – o livro de Nkrumah; com quem Kwame Ture colaborou após o Pan-Africanismo lhe arrebatado –, filosofia esta que parece fundamentar suas posições nesse debate:

É a unidade básica da matéria, apesar de suas manifestações variadas, que dá origem ao igualitarismo. Basicamente, o homem é um, pois todos os homens têm a mesma base e surgem da mesma evolução de acordo com o materialismo.

Eis a base objetiva do igualitarismo; que podemos ver, agora sim, através de estudos realmente Afr(ican)ocentrados, de Molefi Kete Asante à Marimba Ani... Por hora, nos deteremos em certos aspectos, a fim de demarcar algumas limitações quanto à ‘Afrocentricidade’, nos valendo das palavras do Dr. Clarke, que propõe para nós a *Africanocentricidade* (tem link pro ensaio neste doc. – tradução de Ammit Garvey):

O que está sendo chamado de Afrocentricidade é uma combinação das consequências do Movimento dos Direitos Civis, a Explosão Independentista Africana e a Revolução dos Estudos Pretos. Os propagadores da Afrocentricidade estão meramente perguntando pelo que a maioria dos povos do mundo sempre tiveram e garantiram o direito de olhar para si e para o mundo ao seu redor através das lentes da cultura e das circunstâncias que os produziram. Quando um povo é forçado a olhar para si mesmo através dos olhos de seu opressor, ele anseia pelo dia em que possa reverter essa abordagem e olhar para si mesmo de uma maneira que os faça gostar de si mesmos. A abordagem formal, ao que eu preferiria chamar de Africanocentricidade, começou no século XVIII, quando o sistema de escravidão revelou-se um sistema de trabalho pesado, e foi então arquitetado um movimento para usar outro sistema, chamado colonialismo – uma forma mais sofisticada de escravidão. (...) Alguns deles tinham acesso à leitura, principalmente à Bíblia, e quando não conseguiam ver a imagem de si mesmos em um livro que deveria ser inspirado por Deus, começaram a fazer perguntas sérias sobre como um povo inteiro se perdeu da menção respeitosa na história humana. Deste período vieram 100 anos de guerras anticoloniais na África, revoltas maciças de escravos nos Estados Unidos e nas ilhas do Caribe, e o nascimento de uma classe de pretos libertos e ex-escravos que se tornariam alfabetizados na linguagem de seus opressores. Suas primeiras expressões foram contra a escravidão. Então começaram a perguntar o que havia acontecido com a África, o continente de suas origens. Suas mentes rejeitaram a ideia de que eles eram um povo que não produziu arte e literatura. Essa recuperação do Eu e essa busca pelo lugar do Povo Africano na história do mundo foi o embrião do conceito agora chamado de Afrocentricidade.

E, agora, para darmos tal salto epistemológico, usaremos da definição precisa do nosso irmão Ammit Garvey quanto à Africanocentricidade proposta por Dr. Clarke:

Primeiro é preciso dizer que não se trata aqui de um conceito novo, tampouco destoante ou antagônico à conhecida Afrocentricidade. Há, inclusive, apenas duas distinções pertinentes a serem consideradas: a primeira é a de que, segundo o Dr.

John Henrik Clarke, e eu o endosso, não há ‘fro’ em ‘África’, amer‘índios’ e ‘euro’cêntricos respeitam suas palavras-matrizes, não devemos nos submeter, portanto, a terminologias que limitem a compreensão do que é dito e de seus significados, sobretudo quando são terminologias vindas de fora... quando ouvimos *“olha um mano afro ali”*, não é a mesma coisa que *“olha um mano africano ali”* assim como há um abismo de sentido entre dizer-se afro-americano e Africano-americano; e que esta definição enfatiza, ainda mais, as experiências de busca e efetivo retorno à África em costumes, expressão, espiritualidade e perspectiva anteriores à concepção teórica do termo. À esta luz, a primeira grande percepção coletiva de que havia um outro mundo, e que seria necessário resistir a ele centrando-se nos costumes e valores Africanos ocorreu com o embarque dos primeiros Africanos nos tumbeiros. Nas palavras do Dr. Clarke, Africanocentricidade é *“qualquer esforço sincero por parte do povo Africano (literariamente ou militarmente) para recuperar o que a escravidão e o colonialismo levaram, e para restaurar a nação como você originalmente concebeu”*. Clarke dá inúmeros exemplos de eventos e indivíduos Africanocêntricos. Além dos incontáveis anônimos que se revoltaram nos navios tumbeiros numa tentativa desesperada de retorno à África, além daqueles que se revoltaram já em terra firme americana e tentaram forjar África nestas terras, a exemplo de Boukman, Mackandal, Gaspar Yanga, Zumbi e Nanny, se enquadram nessa perspectiva também homens como Frederick Douglass, Henry Highland Garnet, Martin Delany, David Walker, Edward Wilmot Blyden, Mohamed Ahmad, Ben-Abdullah Hassan, Ahmed Baba, Harriet Tubman, Malcolm X, entre muitos outros e outras... enfim, pra não me estender sobremaneira, reitero que a Africanocentricidade não dispensa a Afrocentricidade e seus pressupostos para a análise do mundo a partir da centralidade Africana, e como bem disse Dr. Clarke: *“devemos pegar o bebê de Molefi Asante, trocar sua fralda, mudar sua dieta e ensiná-lo a crescer. Molefi pode não saber, mas essa criança se tornará um homem ou uma mulher, e a criança abrirá as portas para a liberdade ainda por vir”* para as belezas que ainda não nasceram.”

O texto dos irmãos falam por si só: a Afrocentricidade é Africanocêntrica! Percebe como o ensaio do Dr. Clarke faz um avanço metodológico – não se trata aqui daquele “refinamento léxico” de que nos fala o próprio Molefi Asante? – um dos cinco pontos que o irmão elenca no ensaio que citamos no início de nossa exposição; seriam os outros quatro: o “interesse pela localização psicológica” e “defesa dos elementos culturais Africanos”, além do “compromisso com a descoberta do lugar do Africano como sujeito” e, ainda, “com uma nova narrativa da história Africana”. Asante parece responder, no livro ‘Afrocentricidade: a teoria de mudança social’ (consciente ou inconscientemente) o conselho do Dr. Clarke:

Não usei o termo “Africentricidade”, que se tornou comum em alguns círculos, porque, como a primeira pessoa a dar uma definição precisa e definida à teoria Afrocêntrica, entendi que não há nada de errado em utilizar *Afrocentricidade*. Aqueles que preferem usar termos como “Africentricidade”, “Centralidade-Africana” ou mesmo “Centrado em África” são frequentemente aqueles que procuram evitar o uso da palavra *Afrocentricidade*. Se eles querem dizer com esses termos o mesmo que eu quero dizer com Afrocentricidade, não tenho questão alguma com eles. Se eles querem dizer algo diferente, então deveria explicar a diferença, caso contrário, é importante que usemos a mesma linguagem, a fim de mantermos a coerência. Alguns dizem que o prefixo “afro” se refere a um estilo de penteado. Pergunto: a que tipo de penteado se refere? Se for um estilo de penteado Africano, então está nítido que a terminologia é completamente entendida.

É plausível a manobra do irmão; e é fato que a contradição é coisa do ser humano... Da nossa parte, ficamos com a sugestão de Clarke, pelos motivos já suscitados. Sobre o debate, é sabido que se trata dum embate Afrocentricidade/Consciencismo no campo epistêmico, e dito isso: Afrocêntrico ou Africanocêntrico, trata-se duma mesma atitude; em seu conteúdo, são idênticas: têm no igualitarismo presente nas *sociedades tradicionais Africanas* um comum acordo – raça primeiro! A novidade fica por conta do Consciencismo: ele fundamenta seu *monismo* (que é a doutrina da realidade una, em resposta ao dualismo ou pluralismo) na matéria; novamente, isso pode ser constatado em toda África, do Saara ao Kalahari.

Com o desenrolar do debate, revela-se como pano de fundo o plano da consciência. Que nossa consciência está em disputa, é outro ponto pacífico. Para esse palco, trazemos agora uma definição de Kwame Nkrumah sobre o Consciencismo:

O Consciencismo Filosófico é aquele ponto de vista filosófico que, partindo do presente conteúdo da *Consciência Africana*, indica a maneira pela qual o progresso é forjado a partir do *conflito* na consciência. [grifos nossos; atente-se para *conflito*]

Ao observar tal base filosófica, poderíamos perguntar: cabe à “classe intelectual” preta autoproclamada – falamos sobretudo dos ‘leitores ilógicos’ – definir para os “alienados”, alvos centrais dentro de qualquer disputa, no plano histórico-cultural como no socioeconômico e político-ideológico? A uma corrente ~Afrocentrada~ aí, isso pega mal. Estes, dialogam, mesmo que indiretamente, com Michel Foucault (para quem *saber é poder*, e não a terra é poder...) – sua ‘arqueologia do saber’ e ‘as palavras e as coisas’ se inserem naquilo que conveio à academia chamar por ‘história cultural’; aquilo, que Marimba Ani faz com excelência em ‘Yurugu...’, façamos nossas as palavras de Vinicius Santos, nosso irmão, Veny: *“Uma das características de Michel Foucault que eu reconheço como válida é aquela bem básica: buscar na história a origem dos fatos, relações sociais, acontecimentos políticos, formas de poder e dominação. Ele, obviamente, faz isso a partir de sua visão de mundo eurocentrada e se debruça nas formulações que estruturaram o modo de ser, pensar e agir de sua raça branca. Totalmente de acordo com o utamawazo, utamaroho e asili [termos estes inseridos por Marimba Ani] europeus.* A consequência prática do tipo de pensamento fatalista de alguns ‘leitores ilógicos’ é alegar que despertar a consciência dos nossos implica numa relação de poder – sabe aquilo que alguns teóricos vieram chamar de ‘capital cultural’? é o que falta aos “alienados”... E fica a pergunta: você não sacrificaria algum grau de liberdade por justiça, e algum grau de justiça por liberdade? O filósofo Cornel West – em seu ensaio ‘o dilema do intelectual negro’ – procurando por ‘modelos’ de intelectuais pretos, vai chamar essa classe intelectual ‘foucaultiana’ de cética; se é, digamos, “pós-moderna”, não é o ponto – no caso de Foucault, ele próprio negou tal pecha... Nesse ponto, estamos trazendo uma questão à tona, muito porque percebemos uma confusão generalizada em torno desse desgastado debate entre teoria e prática.

Kwame Nkrumah forneceu sua base filosófica; John Henrik Clarke vai dar aquele “puxão de orelha” nos pseudo-Afrocentrados – *“estou brigando com essa geração. Esta geração não consegue ver a latitude e a longitude do assunto que já era velho quando os pais do professor Asante nasceram.”* Agora, pensamos que Cornel West pode nos fornecer algumas soluções-chave sobre a questão da ‘intelectualidade’ preta, da Consciência Africana em crise nesses tempos de guerra...

Cornel West versa sobre possíveis ‘modelos’ – padrões mentais que podem ser verificados entre os pretos “cultos” – a saber, o modelo ‘burguês’ (humanista), o ‘marxista’ (revolucionário), o ‘foucaultiano’ (cético) e o modelo insurgente, *“o intelectual preto como catalisador crítico e orgânico”* – orgânico? Falaremos sobre. Já vimos o modelo foucaultiano, não precisamos ficar de gastação, só acrescentamos o seguinte: uma vez que o ‘intelectual’ e o ‘alienado’ tenham sido condicionados pelas mesmas condições objetivas, porque não poderiam ter uma base filosófica em comum? – pois, ainda que a história se repita como farsa, apostar numa ‘história universal’ não necessariamente implica em ser cético... e a questão não é nem ser “cético”, mas em se tornar cético em relação à mudar a realidade, ou seja, você vira aquilo que as más línguas chamam por ‘Afrosentado’: este – através duma metodologia hipotético-dedutiva às avessas, por vezes – pensa ser um ‘salvador’, acredita mesmo que foi abençoado pela graça divina de tal forma que deve ditar às massas – “as massas e seu instinto de rebanho!” – e decidir o que é ou não é...

Já o primeiro modelo historicamente rastreado, é o burguês – é dele que Clarke fala, *“Alguns deles tinham acesso à leitura, principalmente à Bíblia”*... Este está totalmente ‘alienado’ em relação à Africanocentricidade, ele vai negá-la até o fim. A radicalização do ‘burguês’ é o modelo marxista, enquanto aquele é eurocêntrico, este, embora eurocêntrico, acredita-se revolucionário – e dadas as condições objetivas, este acaba por ser, no mais das vezes, o revolucionário de escrivania. Seu desdobramento dialético, dada a ineficácia de seus intentos, é o ‘foucaultiano’ – que se vê atarefado demais pensando nos dilemas saber/poder, discurso/política...

Acreditamos que nosso modelo deva ser o Garveyista: aquele que não perde tempo acreditando numa ilusória unidade entre as raças contra o estabelecido. Mas, falaremos dele mais tarde. (O ensaio de Cornel West será anexado a este estudo.) No primeiro plano, a julgar pela crítica de John Henrik Clarke à terminologia – melhor dizendo, à palavra, atente-se a isso, à palavra, nem tanto ao princípio (‘Afrocentricidade’) – e repare que “Consciência Africana” está para Clarke assim como “Pensamento Africano” está para Kwame Ture –, o Professor Clarke dirá:

O que estamos falando é: ou chamamos de Africanocentricidade, ou não chamamos de nada. O que estamos falando é ao que tenho me referido como Consciência Africana o tempo todo.

E, desta forma, podemos fazer um contraponto com a definição de Nkrumah para o Consciencismo, onde propositalmente destacamos *Consciência Africana*, para fins de aproximar John Henrik Clarke de Kwame Nkrumah – o primeiro, crítico frontal à palavra ‘Afrocentricidade’; enquanto que o segundo – por acatarmos a sugestão de John Henrik Clarke –, é Africanocêntrico; ou ainda, *“Afrocentrista incipiente”*, conforme Molefi Asante justifica – um *Afrocentrista por essência*, por assim dizer; nas palavras de Molefi Asante:

Mas estes indivíduos – como, por exemplo, Kwame Nkrumah, que articulou a ideia de Pan-Africanismo de forma concreta, extraída de sua filosofia do Consciencismo, foi o que podemos chamar de ‘Afrocentrista incipiente’. Ele não disse isso, mas *qualquer indivíduo que diga que a nossa resposta particular ao universo deve ser baseada em nossa própria cultura, é Afrocentrista*. Essa pessoa é uma AGENTE. Essa pessoa é PROTAGONISTA.



É dahora notar, nesse ponto do debate, a reação de Kwame Ture, que torce o nariz com essa afirmação de Asante, em sua tentativa de puxar a sardinha pro seu lado (afinal de contas, é um debate, né?); nas palavras de Kwame Ture, percebe-se como ele procura observar os *princípios* –

Penso que temos que ter mais cuidado, ao tentar afirmar que muitas pessoas eram Afrocêntricas, porque foi um choque ouvir que NKwame Nkrumah era Afrocêntrico.

Eu não sei porque a palavra ‘Afrocêntrico’...

*“Esse é o papel do intelectual – levar a intelectualidade um passo além de onde o intelectual a encontrou.”* A fim de não nos estendermos ainda mais, foi que anexamos a este trabalho toda sorte de obras, das mais “acadêmicas” àquelas, Africanocêntricas – que vão tecer lá suas críticas aos postulados tanto da Afrocentricidade como do Consciencismo, ou ao Pan-Africanismo. Considerando Èsù, sabemos que se aprende com exemplo e contra-exemplo. Você pode aprender como não fazer, por onde não se deve ir... Sendo banal, esta introdução mesmo passaria por isso que se entende como “crítica”, na medida em que tende mais para o Consciencismo do que para a Afrocentricidade, por pelo menos dois motivos, e já os expomos – não pela teoria em si, mas por seus adeptos; ou seja, estamos tendo a mesma atitude de Molefi Asante em relação aos cristãos – o que não necessariamente nos impede de seguir o método de Kwame Ture, para quem uma ideia deve ser julgada por seus princípios, porque a realidade é determinante e determinada, subjetiva e objetiva (autopoiese). Mas estamos com Clarke, que dirá:

Não tenho problemas com os livros de Molefi Asante. Ele nos deu uma boa análise do que ele chama de Afrocentricidade. Ele fez um trabalho de modo que um tipo diferente de estudioso virá mais tarde e dará um passo adiante. ESSE É O PAPEL DO INTELECTUAL – levar a intelectualidade um passo além...

\* \* \*

Ora, e se as sociedades tradicionais Africanas eram profundamente materialistas – a dialética é Africana – remete à Kemet! Hegel só fez criar um MÉTODO dialético; entenda isso, porque quando falamos em análise materialista, estamos falando em dialética. Quando falamos em dialética – falamos em movimento, forças *em tensão*. O que gera essa tensão são as contradições internas, e é isso que Nkrumah procura explicar no quarto capítulo de Consciencismo. É óbvio que Nkrumah se valeu da contribuição de Marx, assim como de Lenin. Marx avançou a contribuição de Hegel, que dizia que não existia razão fora do Estado burguês. Antes disso, o alemão Kant – por meio de seu ‘imperativo categórico’ – havia dito que não havia razão senão no indivíduo; e após a ascensão da burguesia ao poder, Hegel passa a dizer que *o Estado é Deus*. O ‘18 de Brumário de Luís Bonaparte’ é um livro emblemático para entender tal contexto. Ambos os três, Kant, Hegel e Marx eram alemães, vai vendo... isso nos diz muita coisa – se Hegel fosse Kant, teria dito a mesma coisa, e se Kant não tivesse dito o que disse, outra pessoa diria... a que se deve esse movimento? Resposta: deve-se ao ‘espírito’ da época (*Zeitgeist*); outra lição que tiramos do ‘18...’, é que *a história acontece duas vezes: a primeira, como tragédia; a segunda, como farsa...* quem fala é Marx, mas bem podia ser Kant ou Hegel... Pegou a visão?!

E qual tua contribuição, Marx? – e Marx diz, o Estado não é a “razão”; pode até ser, mas da burguesia; Marx dirá que o problema do mundo não é que este partido é melhor que aquele, governo x é maior que o governo y, mas que o mundo está dividido em classes sociais; os movimentos da história se devem à “luta de classes”. Avançaríamos em muito caso entendêssemos esse ponto de forma correta: parte dos problemas enfrentados hoje partem da crença de alguns de nossos irmãos em mudar a realidade “por dentro”, o que inviabiliza qualquer tipo de ação política fora do Estado; nisso consiste a razão hegeliana, “*o Estado é a razão em si e para si*” – *achou ruim? Crie um partido político e jogue, mas de acordo com nossas regras...* e a isso se tem resumido a “estratégia política” da esquerda historicamente... fiasco. E isso se deve menos a Hegel que (a Kautsky ou) Bernstein. Este, é o revisionista histórico da obra de Marx – no pé que as coisas tava na Alemanha de sua época, achou que não haveria mais a necessidade de uma revolução – tal como o teórico Boaventura de Sousa Santos fala nos dias de hoje, ele vislumbrava uma possível “reforma revolucionária”... Tal leitura, ilógica, persiste, tanto embora uma das mais comemoradas à esquerda, dona Rosa Luxemburgo, tenha rechaçado esse *nonsense* em seus escritos, sobretudo no ensaio ‘reforma e revolução’. Nesse texto, encontra-se, não uma, mas várias semelhanças com o que Kwame Ture fala sobre a questão da reforma/revolução – um dos vídeos disponíveis ao fim desse estudo é sobre.

Marx é autoajuda pra eles, veio alinhar teoria e prática, mente e corpo, pensamento e ação – a tal da “práxis”; o branco careceu da “dialética” que o Africano domina à milênios. O “fato econômico” predeterminava o fator político – no patuá marxiano, ‘infraestrutura’ informa a ‘superestrutura’. Veio Lenin e provou na prática que a política tinha autonomia, que a política era um fator determinante tanto quanto a economia. E veio Gramsci e disse que, para além destas possibilidades, lá estava a ‘sociedade civil’, a “intelligentsia” – que, não tendo a posse dos meios de produção, ou qualquer poder político, mas por meio daquilo que chamou por ‘hegemonia’ – ele disse que essa classe *também* podia determinar o curso dos acontecimentos... Na contemporaneidade, já se fala que a mídia – adeus, economia!... – se tornou uma superestrutura em si mesma – voltamos à estaca zero! Percebe? – ciranda teórica...

Tamo preparando um material apenas sobre a contribuição do Irmão Kwame Ture nesse sentido – de sua dialética. O que é fácil de notar, quando vemos ele contrapor reforma e revolução; mobilização e organização; ou imposição cultural e integridade cultural – nisso, inclusive, poderíamos dizer que ele antecipa Asante... Uma questão pertinente, para Kwame Ture – que pode ser vista no debate – é que ele diz que os pretos historicamente tem unidade de ação, e não de pensamento. Pois que se analisarmos bem, veremos que este é realmente um dado histórico; historicamente, temos duas atitudes – a revolucionária, que entendemos pela via que quer separação; e a reformista, que preza pela integração – por exemplo: enquanto que Nat Turner se moveu para libertar os Africanos *por todos os meios*, Paul Cuffe apelava aos ‘radicais’, abolicionistas ianques; o primeiro corresponderia, no Brasil, a Luís Gama; já o segundo, está mais para José do Patrocínio... E vemos isso se repetir: para Henry Highland Garnet temos Frederick Douglass – e para Harriet Tubman temos Sojourner Truth; no Brasil, pra cada Quintino de Lacerda ou Dragão do Mar, há, sabe-se lá, um Rebouças, Patrocínio... na medida que Cândido mira, Nilo Peçanha se apresenta; pra cada Delany, Bruce-Grit, Sylvester-Williams – James Weldon Johnson, Thurgood Marshall, Adam Clayton Powell vem apaziguar...

Garvey discorda de Du Bois – José Correia Leite de Arlindo Veiga dos Santos... Malcolm X, um organizador; Martin Luther King, um mobilizador. Que fique *escuro*: trata-se dum exercício de *aproximação*, comparação... que se faz bastante didático, de modo que chega-se numa síntese: *temos unidade de ação, e não de pensamento*.

Num primeiro momento, trata-se de uma oposição histórica entre aqueles que denunciaram e combateram os rigores da escravidão contra aqueles que, ainda que vistos como radicais, depositaram confiança em representantes brancos, porta-vozes de ideais abolicionistas, figuras isoladas, nomes como Abraham Lincoln e Joaquim Nabuco. Num segundo momento, nossa cara não era tão só denunciar e combater os rigores da escravidão, mas superá-la, visando encontrar soluções para além daquilo que o status quo permitia – enquanto outra parte dos pretos acreditavam que uma mudança viria por “mobilidade social” ou “participação” política visando mudar nossa situação “de dentro”. Falar em algo como “progresso” seria um reducionismo – o que vemos aqui é o movimento dialético da história, e a terceira geração, avança na medida em que realizam feitos grandiosos (mas sem histeria: isso só foi possível pelo grau de desenvolvimento técnico à época), e criaram tanto instituições – como o Instituto Tuskegee de Booker T. Washington – como organizações – à exemplo da NAACP de W.E.B. Du Bois; no Brasil, o velho militante José Correia Leite era um dos fundadores da FNB. Outrora, enquanto que Abdias Nascimento ia cada vez mais em direção do Pan-Africanismo, o poeta Solano Trindade e o irmão Edison Carneiro se afiliavam a partidos comunistas – ora, o primeiro criou o Teatro Experimental do Negro; já o segundo (e o terceiro), o Teatro Popular Brasileiro. Kwame Ture só faz é diferenciar tática de estratégia.

Vimos de exemplos à contra-exemplos. Por exemplo, a contribuição de Du Bois repousa sabiamente em suas palavras, *“O problema do século 20 é a questão da linha de cor”* – quer dizer, não se trata de partidos políticos, sistemas de governos, modelos econômicos, e sim, na disputa entre raças; e raça, pra Du Bois, é (quase) o mesmo que classe... Nisso, ele não divergiu muito de Garvey – a divergência entre esses dois irmãos fica por conta de qual estratégia deve ser adotada, mais uma vez: integração ou separação. Marcus Garvey tinha sido influenciado pela estratégia do desenvolvimento em separado com aquele que foi um de seus principais mentores: Booker T. Washington; Du Bois criticou corretamente sua ilusão com o capitalismo. Para Washington, não adiantava aos pretos que a “cidadania plena” viesse antes de um auto-aprimoramento via educação profissionalizante – em última instância, isso levaria à emancipação econômica, ao seu ver; Du Bois, por acreditar – talvez nem tanto na integração, mas... – que a política tinha autonomia e potencial de transformar a realidade preta, via o preparo intelectual daquilo que ele chamou por ‘décimo talentoso’ como o fator a ser levado em conta – pra Du Bois, cada povo tem entre os seus melhores 10% de pessoas que, formando uma *intelligentsia* (alguns dirão, uma “aristocracia de cor”) comporiam uma classe da sociedade civil capaz por si só de guiar as massas preta à liberdade; Washington havia defendido, no ‘Compromisso de Atlanta’, nossa permanência no sul, pelo “progresso mútuo”...

Portanto, historicamente temos união em ação, e não em pensamento. Vide debate.

★ ★ ★

## Em termos de ética, para o Consciencismo Filosófico

(...) um indivíduo não deve ser tratado por outro apenas como um meio, mas sempre como um fim.

Esqueça Kant – o que isso significa? Num contraponto rápido com Steve Biko, no plano das chamada relação ‘interpessoais’, e se as sociedade tradicional Africana não fossem profundamente materialistas, o que segue não poderia ser encontrado num ponto tão extremo do Continente em relação a Gana, como na África do Sul:

Tais hábitos não se verificam na cultura ocidental. Uma pessoa que faz uma visita à casa de outra, a menos que se trate de um amigo, é sempre recebida com a pergunta: “*O que posso fazer por você?*”. [ou “*A que devo sua visita?*”] Essa atitude, de considerar as pessoas, não por elas mesmas, mas como agentes com uma função específica, seja contra nós ou a favor, é estranha para o nosso povo. Não somos uma raça desconfiada. Acreditamos na bondade inerente ao homem. Gostamos das pessoas por elas mesmas. Consideramos o fato de vivermos juntos, não como um acidente infeliz que justifica uma interminável competição entre os indivíduos, mas como um ato deliberado de Deus para fazer de nós uma comunidade de irmãos e irmãs, envolvidos juntos na busca de uma resposta abrangente para os vários problemas da vida. Portanto, em tudo aquilo que fazemos, colocamos o homem em primeiro lugar e, por isso, nossa ação em geral é uma ação comum, mais orientada para a comunidade solidária do que para o individualismo, que é a marca registrada da abordagem capitalista. Sempre evitamos usar as pessoas como degraus para subir. Invés disso, estamos dispostos a um progresso muito lento, num esforço de garantir que todos caminhemos no mesmo ritmo.

E, de volta ao pensamento de Nkrumah,

(...) o Consciencismo Filosófico, embora tenha o mesmo princípio cardeal da ética como Kant, difere de Kant ao fundar a ética em uma ideia filosófica da natureza do homem. Isto é o que Kant descreve como ética baseada na antropologia. Por antropologia, Kant significa qualquer estudo da natureza do homem, e ele proíbe a ética de se basear em tal estudo. [§] É precisamente isso que o Consciencismo Filosófico faz. Também concorda com as perspectivas tradicionais Africanas em muitos pontos e, assim, cumpre uma das condições que se impõe. Em particular, concorda com a ideia tradicional Africana de existência absoluta e independente da matéria, a ideia de seus poderes de auto-movimento no sentido explicado [que você poderá acessar ao fim deste estudo, num link ativo para o 4º capítulo de tal obra], a ideia de conversibilidade categorial e a ideia de fundamentação dos princípios cardiais da ética na natureza do homem. [§] O ponto de vista tradicional Africano, é claro, aceita a ideia absoluta e independente da matéria. Se alguém toma a filosofia do Africano, descobre-se nela que a existência absoluta e independente da matéria é aceita. Além disso, a matéria não é apenas peso morto, mas viva, com forças em tensão. De fato, para o Africano, tudo o que existe, existe como um complexo de forças em tensão.

Longe de qualquer “animismo”, o que é posto em pauta aqui não se esgota numa exposição simplificada, e requer de nós um esforço no sentido de entender as chamadas ‘Leis da Física’ – o que chamamos em Gana por Obosom; na Nigéria, por Orixá; Haiti, por Loa etc. – e suas correspondências no microcosmo, no ‘indivíduo’...

Agora, entendendo que as sociedades tradicionais Africanas não separam mente e corpo – ou, se preferir, a cultura da matéria; a arte da ciência; o pensar do fazer; e, fazendo um contraponto com Kwame Nkrumah, em seu Consciencismo Filosófico:

Estritamente falando, a afirmação da realidade única da matéria é ateísta, pois o panteísmo também é uma espécie de ateísmo. O Consciencismo Filosófico, embora profundamente enraizado no materialismo, não é necessariamente ateu.

Nesse ponto, demos os devidos créditos à teoria de Asante, quando postula – em seu livro ‘Afrocentricidade – a Teoria de Mudança Social’ – que Afrocentricidade é nada menos do que a “*deificação da história Africana*”. Nesse sentido, a África – observe, não a luta-de-classes, mas a África – é o motor da história. Ainda, seguindo tal lógica, Garvey seria um profeta. E isso não é louvável? Por outro lado, refutando a ideia dos gegos, de que a matéria sempre teria existido, Nkrumah dirá:

Se a existência única da matéria é afirmada, então o espaço e o tempo, na medida em que não são matéria, devem ser irrealis. O Consciencismo Filosófico não afirma a realidade única da matéria. Em vez disso, afirma a realidade primária da matéria. Aqui, novamente, se o espaço fosse absoluto e independente, a matéria não poderia ser primária.

O que queremos dizer com isso, é que Nkrumah acaba por destruir com o tal *cogito* de Descartes e sua ideia da separação entre mente e corpo, que dá vazão para o individualismo solipsista:

Isso é para cortar o nó górdio, pois agora a mente e o corpo não serão díspares, mas ambos serão formas de matéria ou ambos serão formas de espírito.

“De espírito”, porque o Consciencismo Filosófico não necessariamente é ateu. E, citando inclusive um filósofo Africano que antecipa em muito Kant, Anton W. Amo:

(...) a interação entre mente e corpo é aceita como um fato. A perplexidade filosófica que obscurece essa interação é removida pela demonstração da possibilidade de conversão categorial. A conversão categorial deve ser diferenciada do paralelismo. O próprio Descartes tentou resolver o problema mente-corpo recorrendo a um tipo de paralelismo. Ele instituiu ocorrências paralelas e, portanto, explicou a dor como aquela dor que a alma sentia pelo dano em seu corpo. Neste ponto, como em vários outros, Descartes foi atacado pela perspicácia crítica do filósofo ganense [tal Nkrumah!] Anthony William Amo. De acordo com Amo, tudo o que a alma poderia fazer nos termos de Descartes é tomar conhecimento do fato de que há um buraco em seu corpo ou uma contusão nele, e a menos que o próprio conhecimento seja doloroso, não se pode dizer que a mente se aflija. É claro que, se se pudesse dizer que a mente se aflige dessa maneira, com o conhecimento básico do estado do corpo, poderia se dizer que o corpo pode afetar a mente. Mas não necessariamente, pois, estritamente falando, de acordo com Descartes, o corpo não afeta a mente, mas a mente se solidariza com o corpo. [§] O Consciencismo Filosófico não tem espaço para um mero paralelismo no problema mente-corpo. Pois o Consciencismo Filosófico mantém as duas categorias de mente e corpo, reconhece o problema aceitando o fato da interação, mas oferece uma solução para isso. O paralelismo, embora reconhecendo as duas categorias, na verdade nega a interação. A solução oferecida pelo Consciencismo Filosófico é por meio da conversão categorial.

Percebe como há no Consciencismo uma certa dialética? – e a dialética é Africana! No livro, é claro, Nkrumah definirá o que quer que seja uma *conversão categorial*, e muito mais... A questão que fica é: alguns de nossos irmãos – os ‘leitores ilógicos’ – não estariam por incorrer em equívoco, mistificando a contribuição teórico-prática revolucionária que é a análise materialista da história? – não estamos nem falando de Marx, o que é de Marx está guardado, e quem leu Nah Dove ou Carlos Moore sabe muito bem do que estamos falando...

Quanto à Afrocentricidade, é uma perspectiva (como a de Nkrumah!), passível de ‘erro’ – pós-moderna, alguns arriscam dizer... – e pode até ser, mas tal abordagem, por si só, nos possibilita ler a história a partir de um lugar diferente, o lugar da agência Africana, não mais como mero objeto senão como sujeitos. Pode-se pensar: é isso ou sair em defesa de uma história universal, de uma “verdade absoluta” – lembre-se que Marx é um idealista (e!) alemão, ainda que faça a *crítica da crítica*... a implicação, aqui, é uma classe ‘intelectual’ sempre disposta a fazer a leitura ‘correta’, totalitária, positivista, quer dizer, da *conjuntura* – quer dizer, do *conjunto de fatores objetivos da realidade dentro de um dado contexto histórico*. Mas, dirá Cornel West – *“Seres humanos são incapazes de conquistar qualquer monopólio sobre a verdade ‘V’ maiúsculo... Talvez tenhamos acesso à verdade ‘v’ minúsculo, mas são alegações falíveis sobre a Verdade.”* Todavia, visitamos o tal Marx e, estranhamente, nos demos conta de que muitos do que ele fala pode ser visto no mundo contemporâneo, que sua análise do capitalismo não deve ser descartada. Ainda, visitamos a ‘H’istória e, surpreendentemente, tomamos conhecimento de que muitos revolucionários Africanos deram uma atenção pros seus escrito; faz parte...

Insistimos – não estaríamos por abrir mão de Kwame Ture, Kwame Nkrumah, Ahmed Sékou Touré, Amílcar Cabral, Thomas Sankara, Samora Machel, Mondlane, todos eles, mesmo Agostinho Neto, o Partido Panteras Pretas – destaque para a figura de Fred Hampton – George Jackson, Angela Davis e demais intelectuais Africanos, que se imbuíram da análise materialista histórica – e saíram vitoriosos!? Depois, vieram as traições... – nos perguntamos se não estaríamos, desta forma, fadados a repetir a história? O materialismo histórico não teria algo a nos oferecer? Se, em verdade, a dialética é uma invenção da mente Africana ao longo de milênios, estas nos parecem questões pertinentes. O ponto alto desse estudo é: se nem os estudiosos Africano-centrados de maior renome nos desencorajam a estudar a produção de pensamento europeio e sua epistemologia; tanto Kwame Nkrumah – em sua dissertação, ‘Mente e Pensamento na Sociedade Primitiva’ – para quem,

No processo educacional dos Africanos, o melhor da cultura ocidental deve ser combinado com o melhor da cultura Africana.

como – por fazer justiça ao seu nome – para Marimba Ani, em sua obra monumental, ‘Yurugu – Uma crítica Africano-centrada...’,

A experiência me convence cada vez mais, no entanto, que o ensino de estudos Pan-Africanos significa bem ensinar estudos europeus simultaneamente. Para serem verdadeiramente livres, os povos Africanos devem conhecer a natureza do pensamento e comportamento europeus, a fim de entender o efeito que a Europa tem tido sobre a nossa capacidade de pensar vitoriosamente.

Nós devemos ser capazes de separar o nosso pensamento do pensamento europeu, de modo a visualizar um futuro que não seja dominado pela Europa. (...) Isto é, exigido por uma visão Africano-centrada, porque somos Africanos, e porque o futuro para o qual a Europa nos leva é genocida.

Fica a seguinte questão: quem somos nós para negligenciar tal empreendimento? Se, em verdade, somos nossos Ancestrais no futuro – não seria mais prudente darmos continuidade à linha de pensamento e ação de nossos antepassados? Apois, isso nos parece o mais sensato.

Todavia, nos dias de hoje, há-se, entre Afrocentristas e Pan-Africanistas, o consenso: devemos ser pragmáticos! Não temos tempo para alcançar a “verdade absoluta”, e nossos esforços devem ser direcionados para despertar o nosso povo para a realidade de genocídio iminente. Dado que vivemos no Brasil, estamos comprometidos em lidar com irmãos de uma mentalidade colonial absurda – a lavagem cerebral foi tamanha que um estudo como o nosso pode ser relativizado, posto de lado, e acabar não sendo visto nem como um esforço literário, senão “acadêmico”; sabemos disso, seja lá o que isso signifique. Da nossa parte – da parte de quem escreveu esta resenha – podemos garantir que não somos acadêmicos, nunca pomos os pés lá... Falamos no plural, muito para romper com a lógica individualista, subjetivista, introspectiva que voga em nossas discussões, atravessadas por reações emocionais das mais umbilicais...

As coisas têm que se dar de modo prático – *orgânico* que fala, né? Vai, pega a visão!

Falamos à pouco, *“Ainda que a história se repita como farsa, acreditar numa ‘história universal’ não necessariamente implica em ser cético”*. Quando você vai ver, nas dialética das ideia memo, você vai pegar a visão que quanto maior, maior a queda – que, como cantou um dia Nelson Cavaquinho, *“na mão de um fraco sempre morre um valente”*... Se você visitar Amílcar Cabral, foi o que ele propôs quando se valeu da sabedoria popular de sua terra para falar às massas – Kwame Nkrumah nos propõe o Nkrumahismo – Sékou Touré, o Toureísmo – Thomas Sankara, o Sankarismo – Mao Tsé-tung, o Maoísmo – e o mesmo Ho Chi Minh pros vietmihn – mas, antes ainda, Honorável Marcus Garvey contribuiu com o Garveyismo. E o que todas essas doutrinas tem em comum? (para além daquilo que o ocidente chama de “culto à personalidade”, uma das facetas de seu individualismo) – Kwame Ture mesmo fala, *“O moleque branco procura destruir os líderes em nosso movimento e nós somos o povo que é mais atrasado com essa ideologia ocidental absurda”* – o documentário ‘A Guerra do FBI contra a América Preta’ chega à tempo, e graças à competência organizacional dos nossos; para além de seu caráter espontâneo – o tal aspecto ‘orgânico’ a ser observado – nós só conseguimos visualizar, por óbvio, o Pan-Africanismo. E qual foi a maior contribuição que os movimentos por libertação nacional tanto na África como em Diáspora nos tem reservado? – Kwame Ture dirá,

Desde os anos 40 – na verdade até antes, para lembrar o Honorável Marcus Garvey – *a África deu aos movimentos políticos mundiais um caráter de massa*. Africanos se movem EM MASSA. Nunca como “partido de vanguarda”. Se olhar a busca por independência na África, verá nada menos que a massa; se olhar a luta dos caribenhos pela independência – nada menos que massa. Mesmo nos EUA – o único que chamam de movimento de massa – é o nosso!

Assim, esse caráter de massa deve ser entendido corretamente – e o Pan-Africanismo tem esse caráter, Africanos respondem com esse caráter – e a nossa responsabilidade é trazer esse caráter de massa e torna-lo preciso, para que atinja diretamente o inimigo, batendo, batendo, batendo, até que seja derrubado; assim, o objetivo do Pan-Africanismo é REUNIR NOSSO POVO EM MASSA, numa única ORGANIZAÇÃO – independente de onde estejamos – seja na Europa, EUA, Caribe – ou África.

Enquanto ‘intelectuais orgânicos’, sim, devemos estar a par destas duas vertentes principais, que muito tem a nos oferecer em termos de narrativa e retórica, para termos sempre o discurso adequado a uma dada situação: num primeiro momento, aos irmãos colonizados mentalmente, cairia muito bem as narrativas que a Afrocentricidade pode nos fornecer; num segundo momento, podemos ser realistas ao ponto de ter um olhar mais crítico em relação à nossa condição objetiva dentro da realidade em que estamos inseridos. Ao mesmo tempo – e à despeito da repulsa que a Afrocentricidade nutre pelo popular – teremos que articular um discurso tal que seja capaz de cativar as massas, que se faça simples – não-acadêmico – ao ponto de podermos cristalizar certos conceitos na mente dos nossos; como Lélia González – e taí um exemplo de uma irmã que soube transitar por estas duas vias, de forma que podemos tirar valiosas lições de sua contribuição – a estas e outras mulheres Africanas, demos a mesma importância a que devemos aos nossos mais velhos – pois como bem diz aquela sabedoria tradicional do Mali –, o que devemos ao nosso pai, devemos duas vezes à nossa coroa.

Quanto ao ‘modelo’ Garveyista – por citar nosso irmão Matheus Rodrigues,

Existe “melhor pior contexto” para disseminar o Nacionalismo Preto/Pan africanismo? Essa é uma pergunta baseada na tese que os pretos e pretas dos EUA tem um senso de comunidade e autonomia maior pelo estilo de colonização inglesa e discriminação/injúria racial direta. De fato, faz sentido interpretar que discriminação direta no Brasil faria os pretos e pretas se mexerem mais. Mas porém todavia entretanto eu gostaria de saber aonde que o nosso contexto foi melhor que os EUA? Sendo que aqui historicamente se tem mais violência/estupro e falta de infraestrutura do que em qualquer colônia inglesa e francesa... o que faz do preto do Brasil tão imbecil? O medo? A ilusão de um Estado/Economia mais flexível a nossa presença? O que não acontece na prática e a gente já sacou faz tempo. A pergunta também é baseada na eleição de potenciais conservadores fascistas que irão jogar pelo ralo toda a “conquista” fugaz e expor todos os nossos erros ao nos aliar com a esquerda. E a juventude já sacou que a esquerda não é caminho mais, que benção ancestral. Será que surge um sentimento de “*não tem outra opção agora é radicalizar ou morrer*” após a eleição do diabo branco de olhos verdes? kkk

Falamos, no início, sobre como Garvey é grande. E não seria o mais ‘orgânico’ insistirmos em sua visão, e articularmos um discurso em que figure *raça primeiro*? Olhe ao seu redor – é o que os brancos vem fazendo no Brasil, têm tomado consciência de sua ‘branquitude’ – só agora perceberam que o sistema é de supremacia branca, finalmente “caiu a ficha”!... Todavia, Garvey é nosso profeta. Como todo visionário, suas palavras ganham um status ontológico – ao passo que sua ‘análise’, por assim dizer, toma um caráter epistêmico.



Portanto, o modelo intelectual a ser assumido, agora que não há mais dúvidas, é o Garveyista, o insurgente, *“o intelectual preto como catalisador crítico e orgânico”*. Feita a análise correta, veremos que não é a via econômica, muito menos a política (a convencional, não) – o que está ao nosso alcance agora é, por citar Kwame Ture (em um dos vídeos aqui disponibilizados), não simplesmente ‘ensinar’ as pessoas,

(...) nosso objetivo não é ensinar as pessoas a serem conscientes, mas torna-las conscientes de seu comportamento inconsciente. Porque, inconsciente e instintivamente, buscam liberdade. Mas devemos torna-las conscientes: *“Olha, de qualquer forma, você já quer liberdade, vamos falar sério. Vamos sentar e planejar, vamos esperar o momento certo pra guerra, vamos derrubar o sistema, e caminhar para a liberdade”*. Simples assim.

Ora, tornar as pessoas conscientes de seu comportamento inconsciente faz total sentido quando pensamos que o capitalismo cria um status ontológico próprio, que faz com que nossas relações se deem – mesmo que não percebamos – como meras relações de troca (reificação) – nesse sentido, nos faz usar as pessoas como meio – *alienação* que chama, né?... Com isso em mente, a certa altura do debate, Ture dirá:

Se o capitalismo nos destruiu, não faz sentido usá-lo para continuarmos o processo. Devemos usar a antítese do capitalismo – que, obviamente, é o socialismo. Certamente, se o processo evolutivo foi interrompido, a única forma de recuperarmos o tempo perdido – é através de um processo revolucionário.

E, pensando nas nossas necessidades práticas, para se alcançar o socialismo – cá entendido pelo igualitarismo tradicional Africano – ainda dentro desse papo de intelectual ‘orgânico’, nada melhor do que trazer quem trabalhou tal ideia ao nosso estudo – é Gramsci que fala, no ensaio ‘filantropia, boa-vontade e organização’:

Eu dou à cultura o seguinte significado: exercício do pensamento, aquisição de ideias gerais, hábito de conectar causa e efeito. Para mim, todos já são cultos porque todos pensam, todos conectam causas e efeitos. Mas o são empiricamente, primordialmente, não organicamente. Portanto, oscilam, dispersam-se, abrandam-se ou se tornam violentos, intolerantes, briguentos, ao sabor dos acasos e das contingências. Para que se entenda melhor, tenho um conceito socrático de cultura: creio que seja um pensar bem, qualquer coisa que se pense e, portanto, executar bem, qualquer coisa que se faça. E, assim como sei que a cultura é, também ela, um conceito básico do socialismo, porque integra e concretiza o vago conceito de liberdade de pensamento, assim gostaria que ele fosse vivificado por outro, pelo conceito de organização. Organizamos a cultura assim como procuramos organizar toda atividade prática.

E aqui temos o ponto-chave desse debate entre Kwame Ture e Molefi Asante: enquanto Asante tem uma ideia de cultura particular, uma compreensão dialética informa que a cultura está em constante movimento – ela é causa e efeito, determinada e determinante –, assumindo portanto diversas formas, formas estas as quais nem sempre corresponderão às necessidades práticas de um povo em vias de ser destruído, caso não comece, desde já, a se organizar e se movimentar no sentido de criar bases de poder. Por isso, optamos por fazer uma crítica a alguns aderentes da Afrocentricidade, ao passo que empreendemos uma crítica a alguns princípios marxianos – não é a luta-de-classes, mas África o motor da história.

Como se pôde perceber nesse nosso estudo, saímos em defesa da dialética, muito porque: em tempos ‘líquidos’, não temos tempo para alcançar a “verdade absoluta” – precisamos, isso sim, garantir nossa sobrevivência enquanto povo. É uma armadilha das “universidades” – que remontam aos primórdios de sua Asili, onde só o cristianismo é a “verdade, e a verdade vos libertará”... – é uma armadilha que nos faz pensar que um dia teremos a solução para os nossos problemas, quando devíamos reconhecer nossas limitações, por assim dizer, espaço-temporais (materiais e psicológicas), e ouvir quem veio antes – não temos resposta pra tudo; se nem Kwame Ture tinha:

(...) a única resposta é – OR-GA-NI-ZA-ÇÃO. Quando estamos bem organizados, esse problema de corrupção acaba. Uma vez que se tenha uma organização, você pode retaliar. Bem no início, disse que uma das maiores fraquezas da revolução são os traidores desfilando totalmente impunes entre nós. E desfilam. É por isso que nos anos 60 tive problema com o FBI, meu irmão morreu, outro foi preso. Eles desfilam tranquilos. Não acontece nos lugares que não carecem de organização. Logo, se realmente se preocupam – organizem-se! E vou lhes dizer: NÃO TENHO NENHUMA SOLUÇÃO IMEDIATA PROS NOSSOS PROBLEMAS. A única solução é luta constante! Luta constante! Luta constante! E essa luta deve vir junta com uma constante educação política das massas populares, com uma *constante* educação política das massas populares.

\*\*\*

Ao fim deste estudo, disponibilizamos – dentre tantos outros livros viabilizados – uma tradução que fizemos do quarto capítulo do livro de Osagyefo, ‘Consciencismo: Filosofia e Ideologia para a Descolonização’, que trata de definir esta filosofia por meio de axiomas; livro este em que Kwame Nkrumah lança as bases desta sua filosofia, que passou a ser chamada, pelas massas de Gana, de Nkrumahismo – além de outras obras de Nkrumah e dois estudos do Dr. Clarke.

Queremos é contribuir para avançar nossa compreensão nesses tempos de Maafa. Muito porque, como diz Kwame Ture, a confusão é inimiga da revolução:

Como as teorias revolucionárias se baseiam na análise histórica, é preciso estudar. É preciso entender a história de alguém e é preciso fazer a análise histórica correta. No momento correto – você faz o seu salto histórico e lança para a luta. Não só isso, você não pode atacar se você realmente não acredita no que está dizendo ou se não conhece as respostas. Quatorze anos atrás, ficou claro para mim que a Comunidade Preta estava indo para o caos político. Eu sabia que não tinha as respostas, por isso não fazia sentido ficar aqui e continuar falando sobre o que eu não conhecia. Por que eu deveria ficar aqui, para aparecer na televisão e gritar um monte de asneiras? Isso só causaria confusão na minha comunidade. Eu não queria fazer isso. A confusão é o maior inimigo da revolução.

\*\*\*

Ao final, é lógico, sugerimos o Garveyismo como solução prática para o Povo Preto, como uma ideologia política que nos fornece as bases para a nossa sobrevivência, por lembrar o Dr. Clarke, tanto em âmbito político-econômico quanto no cultural.

\* \* \*

## ***KWAME TURE & MOLEFI ASANTE, ÁFRICA E O FUTURO<sup>1</sup>***

**narrador:** *O ativista Kwame Ture, outrora conhecido como Stokely Carmichael, e o Dr. Molefi Asante são parte desse debate sobre Afrocentricidade. Esse evento de 1h30 é apresentado pela United Afrikan Organization na Universidade de Cincinnati.*

**mediadora:** Habari Gani? *(quais as novas?)*

**público:** *[inaudível]*<sup>2</sup>

**mediadora:** *Kwame Ture nasceu Stokely Carmichael, em Porto de Espanha, Trindade, 1941. Durante a Luta pelos Direitos Civis, Ture foi preso mais de 15 vezes, enquanto lutava pra ampliar o número de eleitores no Alabama, Mississipi. No decurso de 1966, ficou conhecido como o principal expoente do Movimento Black Power [Poder Preto], que sacudiu o Mundo Africano. Em 1968, Kwame mudou-se para Conacri, Guiné – África Ocidental – onde trabalhou e estudou com Osagyefo<sup>3</sup> Kwame Nkrumah, o Presidente de Gana. Aqui ele se torna um organizador do Partido Revolucionário de Todos os Povos Africanos, o A-APRP<sup>4</sup>, fundado pelo Dr. Nkrumah. Ture viajou e lecionou em todo o mundo como um Organizador da A-APRP. Lecionou na maioria das principais universidades dos Estados Unidos, e dedicou sua vida à luta pelo Pan-Africanismo – a total Libertação e Unificação da África – sob um Partido de totalidade Africana. É realmente uma honra apresentar a vocês, Kwame Ture.*

**público:** *[aplausos]*

**Kwame Ture:** *Obrigado, peço que me desculpe por essa dor constante na perna direita, preciso evitar ficar em pé o máximo possível. Essa é a única razão pra eu estar sentado.*<sup>5</sup>

Pan-Africanismo. O que gostaria de fazer, nos 20 minutos que temos, é dar a vocês linhas e desenvolvimento gerais, e, certamente, um caminho pro futuro.

---

<sup>1</sup> Debate ocorrido na Universidade de Cincinnati, 2/2/1996; as imagens do evento se encontram disponíveis no *YouTube*: ([clique aqui](#) e assista), com tradução e legendas – aqui reproduzidas – trabalhadas por Zaus Kush. Transcrição – e a resenha ao início – por Abibiman Shaka Touré.

<sup>2</sup> Todo o debate é perpassado, como é natural do nosso povo, pelo calor humano, para além das respostas emocionais, sentimentos de *cartase* e a relação afetiva que o público nutre por ambos os palestrantes. Vale acompanhar o debate via imagem, muito do *Amor Eterno* de que nos fala o irmão Kwame Ture se expressa através de seu carisma, sem contar sua relação com Molefi Asante e a reação de ambos às questões sugeridas pelo público durante o evento. Momentos de intervenção do público, como alguns momentos excepcionais de *cartase*, estarão contidos entre colchetes, sinalizando-os.

<sup>3</sup> *Osagyefo*, título nobiliárquico Akan que significa *O Líder Vitorioso*.

<sup>4</sup> *All-African People's Revolutionary Party, A-APRP*.

<sup>5</sup> Daqui em diante, iremos transcrever o texto pura e simplesmente – sem estiliza-lo (*itálico*) – além disso, foi feita a separação de sua fala em parágrafos, sempre que achar necessário, para um melhor entendimento, até o término da exposição.

Alguns pensam que Pan-Africanismo é uma resposta ao colonialismo. Ainda que realmente tenha respondido ao colonialismo, não devemos pensar que o colonialismo trouxe o Pan-Africanismo à existência. Certamente, devemos olhar o processo evolutivo geral de todas as sociedades numa base universal.

Todas as sociedades têm tendência a passar de um pequeno grupo social a um grupo social maior. Da Família para a Tribo, para o Clã, para a Nação, para o Continente. Isso é um *processo evolutivo*. Essa teoria pode ser vista na prática, se olharmos hoje para a Europa. Em toda parte, a Europa fala sobre *união europeia*. Embora a Europa tenha travado mais guerras fratricidas que qualquer outro continente, ou que todos os continentes juntos, europeus continuam falando em *união europeia*.

Certamente, a África foi unificada antes da Europa, mas esse não é o ponto da discussão desta tarde. O fato de a Europa – com todas as guerras fratricidas que travou – poder falar de união continental, apenas demonstra esse processo evolutivo. A África – como toda sociedade em qualquer parte do mundo – se envolveu neste mesmo processo evolutivo, crescendo de uma Família para uma Tribo – para um Clã, para uma Nação, para um Continente.

Esse processo evolutivo foi interrompido – pelo imperialismo europeu. Veio de duas formas: *escravidão* e *colonialismo*. Primeiro, tomaram os mais de 300 MILHÕES mais fortes da África, e depois dividiram a África na *Conferência de Berlim*<sup>6</sup>. Como podem ver, a África se movia nesse processo evolutivo – e esse processo evolutivo, que conduziria à unidade continental da África – sendo ainda o primeiro continente unificado – foi interrompido pelo *capitalismo* europeu. Já que o capitalismo interrompeu o processo, *a única forma de a África se unir hoje é através de um processo revolucionário visando uma economia socialista*.

Se o capitalismo nos destruiu, não faz sentido usá-lo para continuarmos o processo. Devemos usar a antítese do capitalismo – que, obviamente, é o socialismo. Certamente, se o processo evolutivo foi interrompido, a única forma de recuperarmos o tempo perdido – é através de um *processo revolucionário*.

Expomos esses fatos apenas para saberem que aqueles de nós que são Pan-Africanistas revolucionários – não é porque *“amamos revolução”*. É historicamente determinado e não temos outra alternativa – a não ser *seguir a história e usa-la em benefício do nosso povo*.

Essas são as linhas gerais sobre Pan-Africanismo – para que não pensem que isso começou “do nada”. Se a África não fosse impedida pelo *imperialismo* europeu, já teríamos alcançado unidade continental há muito tempo.<sup>7</sup>

Em segundo lugar – o Pan-Africanismo deve ser visto como um *movimento*; um *movimento de massa* – e ele deve ser entendido corretamente. Da África – devido o racismo, é claro – muitas pessoas não enxergam a contribuição *constante* – sublinhem esta palavra, *constante* – da África para a civilização mundial.

Desde os anos 40 – na verdade até antes, para lembrar o Honorável Marcus Garvey – a *África deu aos movimentos políticos mundiais um caráter de massa*.

---

<sup>6</sup> A Conferência de Berlim realizou-se em Berlim, de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885, e teve como objetivo partilhar a África e dividir o seu território entre as metrópoles europeias. A conferência foi presidida pelo chanceler alemão Otto von Bismarck e contou com a participação dos seguintes países europeus: Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Países Baixos, Portugal, Rússia e Suécia. Participaram de fora da Europa o Império Otomano e os Estados Unidos.

<sup>7</sup> Optamos por dividir o texto em partes, a fim de torna-lo *ainda mais* didático.

Africanos se movem EM MASSA. Nunca como “partido de vanguarda”. Se olhar a busca por independência na África, verá nada menos que a massa; se olhar a luta dos caribenhos pela independência – nada menos que massa. Mesmo nos EUA – o único que chamam de *movimento de massa* – é o nosso!

Assim, esse *caráter de massa* deve ser entendido corretamente – e o Pan-Africanismo tem esse caráter, Africanos respondem com esse caráter – e a nossa *responsabilidade* é trazer esse caráter de massa e torna-lo preciso, para que atinja diretamente o inimigo, batendo, batendo, batendo, até que seja derrubado; assim, o objetivo do Pan-Africanismo é REUNIR NOSSO POVO EM MASSA, numa *única ORGANIZAÇÃO* – independente de onde estejamos – seja na Europa, EUA, Caribe – ou África.

Esse é o primeiro aspecto a entender.

O Pan-Africanismo encontrou suas expressões de organização nos anos 1900, quando a *Conferência Pan-Africana* foi organizada por Africanos DE TODO MUNDO, que se reuniram para decidir que algo deveria ser feito pela África. Um dos líderes organizadores dessa conferência foi um homem chamado Henry Sylvester Williams, nascido em Trindade. Um homem a quem devemos honrar. Um grande homem...

O Dr. W.E.B. Du Bois foi à *Conferência*, mas não foi um de seus líderes nos anos 1900. Por volta de 1917 ou 1918, a ideia da necessidade de um *Congresso Pan-Africano* – não *conferência*, um CONGRESSO – seria convocado; mas a maioria das pessoas que fizeram a *Conferência* haviam morrido – Henry Sylvester Williams e muitos outros haviam morrido. Du Bois era praticamente o único vivo. Du Bois reconheceu que tinha uma *responsabilidade histórica* de dar *continuidade* ao trabalho do Pan-Africanismo.

Então, ele convocou o *1º Congresso Pan-Africano*. Faça a distinção correta. A primeira em 1900 foi uma *conferência*. Du Bois, sendo inteligente, entendendo que uma conferência é limitada – e que um congresso tem mais *elasticidade*: decidiu convocar um *Congresso*. De 1900 a 1945, podemos dizer, com seriedade, que o Dr. Du Bois foi o maior responsável por manter a chama do Pan-Africanismo acesa.

Uma coisa que também deve ser frisada pra vocês: *o Pan-Africanismo foi gerado, em sua forma organizada, por Africanos fora da África*. Foi assim apenas por causa da opressão na África. Naquela época a África estava sob total domínio colonial. Não podia haver qualquer encontro político. Aliás, se você tivesse algum texto de Marcus Garvey – você podia ser preso! Então, as condições eram difíceis para os Africanos do continente se organizarem.

Reconhecendo isso, Africanos fora do continente agiram rápido para preencher essa lacuna. Então, o Pan-Africanismo, em si, foi trazido a existência pela Diáspora. Mas você não deve pensar que ele foi criado *para* a Diáspora. O centro da discussão sempre foi a Á-FRI-CA. Isso deve ser bem entendido. Alguns tentam desviar, mas o foco sempre foi a África.

Du Bois realizou esse congresso até sua 5ª edição em 1945. Devido ao tempo, que avançou rapidamente – em 1945, aconteceu o 5º Congresso Pan-Africano. Aqui, Africanos nascidos no continente e no Caribe – e certamente os nascidos na Europa e EUA também – nesse 5º Congresso, houveram 3 co-secretários: W.E.B. Du Bois, obviamente, George Padmore (de Trindade) e Kwame Nkrumah (de Gana). Um Africano do Caribe, um dos Estados Unidos e um do continente como co-secretários do 5º Congresso Pan-Africano.

O 5º Congresso é crucial para nós. Uma decisão foi tomada lá. Eles disseram que o confronto final contra o colonialismo se aproxima... Apesar de tudo, era 1945 – e vocês devem saber que existe positivo e negativo EM TUDO. Lembro da vez que lia o «*Mein Kampf*» num avião, ao lado de uma mulher.

Ela – “*O que está fazendo?*”

Eu – “*Lendo o Mein Kampf.*”

Ela – “*Por quê?*”

Eu – “*Hitler é um homem muito importante. Teve forte impacto no mundo. Se ele voltasse, estaria pronta?*”

– *Não!*

– *Ah, que pena... sabe qual a melhor defesa?*

– *Não.*

Eu – “*A Primeira Lei de guerra é – CONHEÇA O INIMIGO. Se eu fosse você, leria TUDO sobre o Hitler. Óbvio!*”

**público:** [*cartase*]

Então, enquanto eu lia o Hitler, ela ficou discutindo, e eu disse:

– *Existe um efeito positivo nisso.*

Ela – “*Mas que efeito positivo tem o Hitler?*”

Eu disse – “*Hitler aterrorizou o imperialismo europeu...*”

Aterrorizou os britânicos, os franceses – aterrorizou os portugueses, os belgas, E FOI ASSIM QUE CONSEGUIMOS INDEPENDÊNCIA. Ele faz parte do pacote! Faz parte da vida...

**público:** [*cartase, reação*]

Quando Hitler passou pela Grã-Bretanha... quando os indianos queriam independência – os britânicos fizeram de tudo, menos sair do caminho para que acontecesse. A propósito, conseguiram logo um *mahatma*, Gandhi – porque não queriam lidar com a luta armada que os indianos podiam estar preparando. E, na época, a Índia estava frívola com a China – depois da China, obviamente, a África etc. Isso em 1960.

Em 1960, apenas 15 anos depois da Declaração do 5º Congresso Pan-Africano em 1945, 2/3 do Continente Africano tornaram-se independentes. Entendam bem a importância disso. Agora, no 5º Congresso Pan-Africano, disseram: *a única solução para o confronto final é organização em massa*. E digo que, se você olhar pro Povo Africano, verá nada menos que o caráter de massa na nossa luta. Certamente, esse caráter é espontâneo<sup>8</sup> e deve ser transformado em algo planejado e permanente.

Mas, certamente, verá esse caráter de massa se olhar a situação de Rodney King. Os Africanos que se rebelaram – se rebelaram de forma desorganizada. Não tinha um plano, para sabermos como agir. Não se pensou muito a respeito. Ali, na

---

<sup>8</sup> Entenda-se, orgânico.

hora, disseram: “*Ok, já chega! Vamos pegá-los.*” Todo mundo concordou, nos levantamos em massa e fizemos. Depois nos sentamos por 29 anos. Mas o caráter de massa está lá – e PRECISAMOS ENTENDER ESSE CARÁTER DE MASSA.

No 5º Congresso Pan-Africano, a maior parte da força Africana estava colonizada. Kwame Nkrumah veio pra mudar tudo isso. Em 1958 expulsamos os britânicos da Costa do Ouro e libertamos Gana. Nkrumah declarou diante de todo o mundo, que a independência de Gana não terá sentido, a menos que seja parte da Libertação e Unificação de todo o continente. E Nkrumah tornou Gana a base para TODOS os movimentos que lutaram contra o colonialismo.

Mugabe, que hoje está à frente do Zimbábue: onde ele foi treinado? Em Gana. Vá e pergunte a todos eles. Nkrumah estabeleceu Escolas de Libertação. Ensinou-os a usar exércitos para o combate. Foi Nkrumah quem construiu a base e alavancou o Pan-Africanismo. Ele entendeu que a África foi dividida em 1865, na Conferência de Berlim, e que não podemos aceitar divisões impostas pelo inimigo.

A África é uma só e nós devemos unificá-la. Esse é o objetivo, e o movimento deu sequência. A independência da Guiné, veio no final daquele mesmo 1958. E com Sékou Touré e Kwame Nkrumah – o movimento realmente engrenou. O Movimento Pan-Africano, óbvio, não poderia ser deixado sozinho, pois o imperialismo buscava dividi-lo. Esse é o trabalho deles. Sékou Touré disse que “*Se o inimigo não estiver fazendo nada contra você, é porque você não está fazendo nada.*” Lógico. Se não estiverem me atacando, eu fico com medo: “*Por quê não fazem mais?*” Então, o trabalho deles é dividir.

Se você olhar, eles dividiram o Movimento Pan-Africano, no que eles chamaram de Bloco Casablanca e Bloco Monrovia – os revolucionários e os reacionários, colocando de forma simples. Obviamente, o grupo ‘Casablanca’ incluía forças de combate na Argélia, que outros Estados Africanos se recusaram a reconhecer; obviamente, Nasser estava, Nkrumah, Sékou Touré – Tunísia... e Marrocos, que travou uma guerra séria para se tornar independente da França. O outro grupo era chamado ‘Monrovia’ – mas era feito de reacionários, escória da raça, que não queria unidade Africana: criou milhões de problemas e sabotagens contra os interesses de seu povo, e isso persiste até hoje.

Eu sempre digo que uma das fraquezas da Revolução Africana é que – *somos o único povo que permite que nossos inimigos se firmem impunemente entre nós.*

Essa é a nossa fraqueza.

**público:** [*cartase, aplausos*]

O que causa outras fraquezas, e uma bem dolorosa – temos que deixar nossos feridos no campo de batalha, para os abutre comerem. Não podemos levá-los. Não podemos cuidar das famílias de nossos prisioneiros. Digo, somos precariamente organizados, mas temos revolucionários e buscamos os objetivos difíceis, não os fáceis. Deixamos os fáceis para aqueles que não desejam avançar. Sabemos bem que só se avança nas dificuldades. Por isso, buscamos as dificuldades.

Dissemos que *dividiram* o Pan-Africanismo, e outro compromisso firmado foi a Organização da Unidade Africana<sup>9</sup>. Muitos pensam que a *Organização* é Pan-Africanismo, mas não é. Pan-Africanismo não pode ser construído de cima pra baixo, e a Organização da Unidade Africana é uma co-organização de líderes de Estados da África. Pan-Africanismo deve vir de baixo pra cima. Da massa, e subindo. Aqui é onde veremos o real aspecto do Pan-Africanismo.

Vimos que no 5º Congresso Pan-Africano, convocaram organizações em massa, e isso aconteceu imediatamente por todo Mundo Africano. A Convenção do Partido Popular – um partido de massa surgido em Gana; o Partido Democrático da Guiné – um partido de massa surgido na Guiné. Por toda África, tínhamos o UNAT – União Nacional Africana de *Tanganyika*, que hoje é CCM [Chama Cha Mapinduzi]. (...) É um partido novo, mas todos os partidos de massa da África surgiram. No Caribe – surgiram partidos de massa. E se olhar, nos EUA, surgiram *movimentos de massa*. Então, o chamado foi para um confronto em massa.

O 5º Congresso Pan-Africano fez duas resoluções precisas e definitivas, as quais eu tenho que destacar: Pan-Africanismo foi anti-colônia desde o início. Foi assim, desde o início. Era fraco! Quando surgiram, não disseram a rainha: *“Iremos coloca-la pra fora do país!”* – disseram: *“Precisamos tratar bem os nativos, precisamos educa-los.”* – *“Devemos prepara-los para autogestão”*.<sup>10</sup> Ações bem fracas. Mas era anti-colônia em essência. Não devemos olhar a forma. E ficamos mais fortes, a medida que o colonialismo mostrava suas garras.

Anti-colonialismo não é nada além de anti-capitalismo. Porque colonialismo é um aspecto do capitalismo. Daí que, para ser anti-colônia, você deve ser anti-capital – se você pensa e age de forma lógica. Algumas pessoas não, mas aqui estamos falando de lógica. Se você é anti-capitalista, você deve ser socialista. O capitalismo não pode unir a África. Ela deve ser unida pelo socialismo. Não quero gerar confusão com essa questão. Recentemente um jovem me disse: *“Mas o socialismo está morrendo.”* – eu disse: *“Não sou eu quem fará o funeral.”*

**público:** [cartase]

Claro que ele falava sobre as traições que ocorreram no Ocidente. Não se deve deixar que o capitalismo confunda seu pensamento. Essa é uma luta que o Pan-Africanismo assume. Lutamos contra o imperialismo e o leitor ilógico. Porque muitos pensam que o capitalismo só quer explorar seu trabalho. Quando ele quer confundir teu pensamento e te fazer pensar como eles. É onde a verdadeira luta acontece. E, devido a esse problema de confusão de pensamento, eu disse ao homem: *“Está falando nonsense. O socialismo não pode desaparecer, não pode morrer.”*

Ele disse: *“Sim, pode.”*

Eu disse: não. *“Mas, como?”*

Eu disse: *“Você está julgando o socialismo pelos socialistas. Não se faz isso.”*

Ele disse: *“Eu nunca ouvi um nonsense desse... Se você não julgar o socialismo pelos socialistas, como vai julga-los?”*

Eu disse: *“Julgue pelos princípios. Todo sistema deve ser julgado pelos princípios, nunca por seus aderentes.”*

---

<sup>9</sup> Organization African Unity, OAU.

<sup>10</sup> Leia uma tradução nossa sobre isso que entendemos por *Pan-Africanismo dos Congressos*, [clique aqui](#).



Ele disse: “*Você está tentando me confundir.*”

Eu disse: “*Ok, você julga o cristianismo pelos cristãos?*”

**público:** [*cartase, aplausos*]

Então, não deve haver confusão. O socialismo não cai por causa de traições, nenhum sistema cai por isso. Quem trai é que vai pra lama. Mas o sistema, que são *princípios eternos*, segue em frente. Se um sistema caísse por causa de traição, o cristianismo teria caído com judas. Ao menos judas teve a dignidade de se enforcar.

**público:** [*cartase*]

Alguns traidores do socialismo não têm essa dignidade, estão por aí – falando e ganhando suas 30 moedas. Sim! Então... o socialismo é um sistema econômico, e só podem haver dois no mundo: capitalismo ou socialismo. Porque sistema econômico responde a uma pergunta fundamental:

- QUEM CONTROLARÁ AS RIQUEZAS DO PAÍS?
- QUEM CONTROLARÁ OS MEIOS DE PRODUÇÃO?

A pergunta só pode ser respondida de duas formas: ou serão poucos ou serão todos. Simples assim. E sobre o capitalismo, dizemos...

[*alguém entrega a Kwame Ture um papel, ele interrompe.*] “*Por favor, resume...*” – não, eu já vou. Pensei que eu tivesse 20 minutos... estou cronometrando. Quanto tempo ainda tenho? Desculpe, posso ter entendido errado. Foi o que pensei. Não se preocupe, sou responsável. Sou um Revolucionário.

**público:** [*cartase*]

Posso resumir em duas palavras: Black Power! E resumindo em uma só: Pan-Africanismo. Então, só existem dois sistemas econômicos: capitalismo ou socialismo. Capitalismo é um sistema retrógrado, nem é preciso discutir. Certamente que qualquer um feito de escravo pelo capitalismo hesitará em apoiar esse sistema. E, como um Africano consciente, devo ser contra e buscar destruí-lo.

Quando se fala em Pan-Africanismo, você precisa entender que se fala de socialismo. E precisamos frisar: só existe um socialismo, e é o *Socialismo Científico*. São princípios coesos e universais. Não existe “socialismo africano” – “socialismo chinês”, russo, árabe – só existe um socialismo. A confusão surge da ideologia, que é o que te guia ao teu objetivo. Frisando que Pan-Africanismo não é ideologia, é um objetivo alcançável. Pan-Africanismo é: a Total Libertação e Unificação da África através do Socialismo Científico. O que queremos é unificar o continente com um sistema socialista. É isso. Sabem que a África é o Continente mais rico do mundo. E corretamente organizado, pode ser o mais poderoso. Lógico!

**público:** [*cartase, aplausos*]

Tudo que eu quero é PODER. Eu não quero dinheiro nem fama – eu só quero o PODER que eu vim buscar. É isso!

**público:** *[cartase, aplausos]*

O Pan-Africanismo está em um de seus estágios finais, que é o chamado a *organização em massa*. O antigo Partido Revolucionário Popular, fundado pelo Osagyefo Kwame Nkrumah, já esboçado em seu livro: «Manual de Guerra Revolucionário<sup>11</sup>». Muitos aqui são membros do A-APRP. Temos Capítulos nos EUA, na América Central e do Sul, no Caribe. Temos na Europa e, óbvio, na África. Nosso trabalho é unir todo o Povo-Africano. Não estamos preocupados – nos apoiamos em nossa história.

O jovem Marcus Garvey já fez isso há muito tempo atrás. Não é nada novo – e quem conhece nossa história, sabe que se espalhará como incêndio. Pan-Africanismo é revolucionário. Não pode ser outra coisa. Pan-Africanismo é a ÚNICA solução pros Africanos, porque, como o Honorável Marcus Garvey nunca deixou de dizer:

*“Até que a África esteja livre, nenhum Africano, em qualquer parte do mundo jamais será livre ou respeitado.”*

Muito obrigado!

**público:** *[aplausos]*

**mediador:** *Obrigado! Obrigado. Podem me ouvir [...] Bem, gostaria de agradecer ao Sr. Ture. Em seguida teremos Latoya Hunter, membro do nosso Conselho Central da United Afrikan Organization. Ela irá apresentar o Sr. Molefi Asante.*

**mediadora:** *Habari Gani? (quais as novas?)*

**público:** *[inaudível]*

**mediadora:** *O Dr. Molefi Asante é professor e presidente do Departamento de Estudos Africano-americanos da Temple University, principal centro de pós-graduação em Estudos Africano-americanos. Considerado por seus colegas como um dos mais conceituados estudiosos contemporâneos. Asante é autor de 38 livros, sendo o mais recenec: Classical Africa, African American History: A Journey of Liberation, Malcolm X As Cultural Hero, Love Dances: Poetry and Illustrations e Africa Intellectual Heritage, editado por Asante e o Dr. Abu Abarry. Ele publicou mais estudos que qualquer autor contemporâneo e foi reconhecido recentemente como um dos 10 Africano-americanos mais citados mundialmente. Asante recebeu seu PhD da UCLA aos 26 anos e foi nomeado professor titular aos 30 anos, na State University em Buffalo, Nova Iorque. Ele é o criador do Programa de PhD em Estudos Africano-americanos e diretor de mais de 60 dissertações de PhD, tornando-o um dos maiores produtores de PhD do país. Já escreveu mais de 200 artigos para jornais e é o criador da Teoria da Afrocentricidade. De fato, seu livro Afrocentricity e The Afrocentric Idea, Kemet, Afrocentricity and Knowledge, são as obra-chave nesse campo. O Dr. é palestrante e consultor nacional e internacionalmente. Asante nasceu em Valdosta, Georgia e foi um entre 16*

---

<sup>11</sup> *Handbook of Revolutionary Warfare* (1968) será viabilizado em link ativo ao fim desta exposição.

*crianças. Ele é poeta, dramaturgo e pintor. Seu trabalho sobre cultura africana e filosofia foi citado por jornais como o Imhotep: The Journal of Black Studies, Journal of Communication, Western Journal of Black Studies e The Afrocentric Scholar. Recentemente, a Utne Magazine o adicionou na lista dos 100 pensadores vivos na América. Ainda recentemente, Asante foi apontado numa pesquisa como um dos 25 líderes Africanos mais influentes dos últimos 200 anos. Aparece regularmente em programas de TV como: Nightline, Night Talk, BET, MacNeil and Lehrer NewsHour, Today Show, Tony Brown Show e Night Watch. Recebeu graus honorários pelo seu trabalho de educação comunitária. Asante é fundador e editor do Journal of Black Studies e foi presidente da Student Nonviolent Coordinating Committee na UCLA, nos anos 60. Foi entronado rei tradicional Nana Okru Asante Peasah I. Kyidomhene de Tafo, Akyem, Gana. O Dr. Asante é atualmente consultor do distrito escolar de Detroit, Nova Iorque, Baltimore, Canton, Cleveland, Ilhas Virgens, Trenton, Nova Orleans e Gary (Indiana). Pra ter um currículo ele acredita que, para um estudioso ativista, não basta apenas saber, mas que deve agir para humanizar o mundo. Apresento a vocês: Dr. Molefi Asante.*

**público:** [aplausos]

**Molefi Asante:** *Habari Gani? (quais as novas?)  
As-Salaam Aleikum (que a paz esteja sobre vós)  
Whats Up? (Qual foi?)*

*Quero agradecer a Associação África Unida, aqui na Universidade de Cincinnati, por essa oportunidade de ter uma discussão com um dos meus heróis. Devo dizer aos que não conhecem, talvez pela pouca idade, que vocês estão tendo uma grande oportunidade esta noite de estarem na presença de alguém que deixou suas marcas, que ainda está fazendo suas marcas em nossa história. Kwame...*

**público:** [aplausos]

*Às vezes não reconhecemos as pessoas entre nós. E eis aqui um homem que tem feito tanto pelo Mundo Africano. Lembro-me de quando eu era estudante, e trabalhava na UCLA. Naquela época, ele era um dos indivíduos que eu mais respeitava. E ainda o respeito muito. Isso não significa que eu concorde com tudo que ele diz... [risos] mas... contudo, não tenho objeções para a maioria das coisas que ele disse esta noite. Não estou acostumado a debater com quem sintonizo. Normalmente me colocam com Dinesh d'Souza, Arthur Schlesinger... Mary Lefkowitz ou alguém desse tipo. Mas, esta noite, tenho o prazer de explicar algumas diferenças na discussão, sobre o que ouvimos de Kwame Ture.*

Afrocentricidade é a teoria que diz que o Povo Africano jamais alcançará a União sem que tenhamos antes Consciência. CONSCIÊNCIA PRECEDE UNIÃO. União opera com base em interesses e objetivos em comum. O Mundo Africano, de fato – Africanos daqui, do Caribe ou do Continente Africano, todos nós – fomos afastados de nossos próprios termos. Termos psicológicos, termos políticos, econômicos, filosóficos, culturais, linguísticos... moda, nomes – seja o que for, fomos afastados de nossos termos. Normalmente não operamos em nossos próprios termos.

Quando se é afastado de seus próprios termos – e você não opera nos seus próprios termos – e não se vê como *agente*, com *poder de fala*, capaz de atuar em QUALQUER CONTEXTO – dessa forma, você nunca poderá criar o Pan-Africanismo. O Pan-Africanismo, ou qualquer outro movimento, deve estar primeira e fundamentalmente baseado na noção onde o indivíduo se vê como o assunto, como o centro, não como objetos à margem. Não de forma amigável à experiência europeia... Não imitando ou seguindo a Europa, senão como centro de sua própria *experiência Africana*, como pessoa Africana – e ver a si por essa perspectiva *particular*.<sup>12</sup>

Alguns pontos: a *intervenção europeia*<sup>13</sup> nos últimos 500 anos, é a maior responsável por nos distanciar de nossos termos. Jamais esquecerei, quando li uma vez o que meus colegas disseram sobre os indianos na Índia. Havia uma administração colonial na Índia, e o propósito do governo britânico era tornar o Povo Indiano britânico na opinião, britânico nos desejos, britânico nas ideias, britânico nas aspirações, britânicos em tudo – exceto na cor. E penso que, quando considero a situação com o Povo Africano, seja do Continente ou da Diáspora, tenho que assumir que o mesmo propósito, ou o mesmo intento – a mesma missão foi colocada para o Povo Africano, conseqüentemente *nos afastando dos nossos próprios termos*.

É o que sempre digo: a colonização e escravização – gêmeas da dominação e exploração capitalista do Povo Africano – foram mais efetivas do que com qualquer outro povo. Ainda mais quando se pensa no fato de que mais Povos Africanos foram destruídos pelas mãos dessa dominação.

Deixe-me explicar algo. *Não se nasce escravo, se é escravizado*. Mas como *se faz* um escravo?... Você faz um escravo – CRIANDO UMA PERDA DE MEMÓRIA. Se você cria a perda de memória – e cria uma *amnésia histórica*<sup>14</sup> – assim se torna possível que indivíduos não se lembrem mais, e quando não se lembram mais a quem estão conectados – de suas próprias tradições – passarão a seguirem qualquer tradição. Sendo assim, não se pode ter, no Continente Africano ou na Diáspora, qualquer União que possibilite qualquer ideia Pan-Africana.

Sabemos, conforme Kwame Ture disse, desde 1900, desde Sylvester Williams estamos falando de Pan-Africanismo. Mas sabe porque não temos um Pan-Africanismo efetivo operando? Porque não temos a base filosófica. Sem

---

<sup>12</sup> Particularmente, pensamos que é melhor que nossa opção pela Afrocentricidade, pelo Consciencismo ou qualquer outra postura filosófica deva partir de uma atitude pensada. Sendo assim, vamos sugerir obras que oferecem “críticas” tanto à Afrocentricidade quanto ao Consciencismo – em sendo o Nkrumahismo a expressão moderna do Pan-Africanismo, segundo Kwame Ture –, no que pesem as limitações destas – leve em conta que são produções brancadêmicas. Homi K. Bhabha, em ‘*O local da cultura*’, é uma obra que, de forma inconsciente, insere a teoria da Afrocentricidade, em sua defesa da *agência* – em sua tentativa de articular o *sujeito histórico* – na esteira da pós-modernidade, no sentido que a obra de Asante flerta com Derrida e outros pós-modernos. Ainda, pode-se bem recorrer a autores como Achille Mbembe, Stuart Hall, Paul Gilroy, Paulin J. Hountondji, V. Y. Mudimbe... Estes são os mais citados e “celebrados” acadêmicos – à serviço da agenda alheia... Das acusações mais constantes à Afrocentricidade é de que ela “mistifica” a realidade – essa é uma crítica direcionada mais aos aderentes que aos princípios da Afrocentricidade; logo, pensamos que é bom sabermos de onde vêm os ataques, para reagir à altura. Quanto ao Consciencismo, disponibilizamos, ao final deste estudo, um artigo que se dedica a atacá-lo... Pra uma crítica ao Pan-Africanismo, a obra de Kwame Appiah, ‘*Na casa de meu pai...*’, é uma leitura fria.

<sup>13</sup> O que a antropóloga Africanocêntrica Marimba Ani vai chamar por *Maafa*.

<sup>14</sup> Vide nossa publicação onde introduzimos algumas ideias presentes na obra do Dr. Amos N. Wilson.

Afrocentricidade – não se pode ter Pan-Africanismo. Você pode discutir a respeito. Você pode ter uma retórica. Você não pode, você *tem* que ter ideias, deve ter interesses, deve ter instituições, mecanismos para conduzirem o Pan-Africanismo. Mas não se pode ter ideias, interesses ou instituições – até que se tenha o Povo Africano na mesma página. Negros não dialogam com Africanos – e Pretos não querem nada com quem ‘não é tão preto’. No próprio Continente Africano – sofremos atualmente nas guerras fratricidas, no próprio Continente. Porque nós NÃO TEMOS UMA BASE FILOSÓFICA.

Vejam os Hutus e Tutsis. São um bom exemplo. A *intervenção* da Europa está criando a situação que não está permitindo essa Consciência. Nós não temos a mesma missão em mente. É por isso que não temos nenhum governo Africano. Eu vivi no Zimbábue – não tanto quanto Kwame esteve na Guiné, mas vivi lá – e não vi nenhum governo Africano lá. Gostaria que tivéssemos como temos na Guiné – já estive lá e posso dizer – mas nos outros países, os 27 onde estive, eu não vi nenhum governo Africano. O que eu vi... foram Africanos *no* governo. Vi Africanos governando – mas eu não vi um governo Africano. Porque o Povo Africano ainda não tem uma *Filosofia Afrocêntrica*.

Em termos de massa.

Temos ‘Clubes Afrocêntricos’... Em Serra Leoa, Etiópia, Zimbábue, Nigéria e em outros lugares – mas me refiro às MASSAS. Para que tenhamos na estrutura governamental indivíduos que se oponham ao sistema de governo europeu – vindos diretamente das massas. Então, temos *preto no governo*, mas que nunca entenderam verdadeiramente os ideais intelectuais, o conceito, a ideologia política de seu próprio povo.

Nunca teremos alguém que irá marchar até o Palácio Real de Kumasi para dar um golpe de estado no Asantehene, o Rei Supremo. Pode acontecer entre nós sob um governo moderno, mas não num Governo Tradicional. Porque nunca adotamos as ideias e conceitos legítimos das *Sociedades Tradicionais Africanas* – as coisas que tornaram legítimas aquelas sociedades aos olhos do Povo. E, sob um governo *moderno*, teremos problemas repetidas vezes.

Vejam o Império de Gana nos últimos 1500 anos, de 300 AC a 1240, quando Sundiata, o Rei do Mali, derrotou Sumanguru, o Imperador de Gana. 1500 anos! Como conseguiram? Já investigamos? Já pensamos sobre isso? Deixe-me dizer isso: quando falamos de Afrocentricidade – não estamos falando de uma filosofia que é anti-ninguém, estamos falando sobre uma *Filosofia Proativa Africana*. Gente Africana como o centro, o assunto, a protagonista. Quase não seremos vistos, ou sequer seremos vistos de fato – não às margens da experiência europeia.

Sejamos nós mesmos – povo com ideias, com nossos próprios conceitos de política. Para a economia, penso que temos que navegar entre as deformações do socialismo *e* do capitalismo. Eu não vejo capitalismo e socialismo como as únicas alternativas. O motivo é: Kwame disse que o *socialismo africano* não foi uma boa ideia. Julius Nyerere escreveu um livro inteiro chamado “*Socialismo Africano*”<sup>15</sup>, e penso que era basicamente o que o Presidente da Tanzânia tentava lidar – era toda essa questão de que, de alguma forma, não devemos cair numa vala comum entre duas ideias europeias.

---

<sup>15</sup> Ao fim deste documento, disponibilizamos o ensaio escrito por Julius Nyerere, ‘*UJAMAA*’ *The Basis of African Socialism*, 1962.

A África, por si só, já contribuiu o bastante em termos de *como lidar com seres humanos*. Não precisamos ficar presos a uma pesada bagagem de fracasso histórico, que experimentamos tanto no capitalismo quanto nas piores formas de socialismo. Autoritarismo burocrático, regimes escravocratas representam o colapso do socialismo. Nestes casos, estes exemplos deveriam ser suficientes para nos fazerem questionar *como e por quê* no mundo seguiríamos falsos deuses... Parece-me que Afrocentristas preferem dizer que o Pan-Africanismo surge, ou pode surgir, fundamentalmente, quando, antes de tudo, tivermos o entendimento de que *estratégia é melhor que força*.

Não só estratégia é melhor que força, mas, uma vez que tenhamos uma estratégia baseada em nossa própria interpretação de nós mesmos na história, entenderemos que *origem em comum, que objetivos comuns e condições comuns, são o que criam unidade*. Podemos falar sobre unidade europeia e como os europeus são unidos, mas eles se uniram com base em interesses em comum. Quando estão unidos... E acredito que o futuro da África está nas mãos daqueles que realmente entendem que a libertação do Povo Africano, *em nossas próprias mentes* – é o primeiro passo para desenvolvermos uma unidade Pan-Africana entre Povos Africanos.

**público:** *[aplausos]*

**mediador:** *Agora, daremos a audiência um momento para reunir pensamentos... ah, eu acho que iremos direto às perguntas. Sra. Jamison-Hall, a moderadora, irá assumir daqui em diante.*

**Jamison-Hall:** *Gostaria de fazer essas perguntas para... [inaudível] A primeira é... sobre o que disse o Dr. Asante. Como responde à noção de que não há Pan-Africanismo sem Afrocentricidade? Essa é a primeira. Já a segunda... como responde à noção de que o socialismo e o capitalismo como sendo conceitos europeus... ambos são ameaças ao Povo Africano?*

**Kwame Ture:** *Sobre a primeira pergunta:*

Eu já sou um Pan-Africanista sem ter passado pela Afrocentricidade. Então... não sei como cheguei aqui. Mas cheguei ao Pan-Africanismo sem passar pela Afrocentricidade. Não precisei passar por uma pra chegar à outra. Cheguei direito ao Pan-Africanismo muito antes<sup>16</sup> da Afrocentricidade.

Dissemos que a 1ª Conferência Pan-Africanista foi em 1900. Só porque ainda não se alcançou o Pan-Africanismo, não significa que é inalcançável. Isso soa como se estivesse confuso pelo sistema capitalista americano, onde tudo é instantâneo, entende? – café instantâneo, instantâneo isso e aquilo. Mas a liberdade não é instantânea, ela é uma LUTA ETERNA. Sendo assim, de 1900... *[aplausos]* e assim, de 1900 até agora, mostrei que o processo começou quando fomos *interrompidos*.

---

<sup>16</sup> É interessante notar que, também antes de chegar à teoria da Afrocentricidade, Kwame Ture já havia articulado a questão da *agência*, quando contrapunha – porque dialético – à questão da *imposição cultural* a questão da *integridade cultural* – fato que foi observado na nossa resenha – isso pode ser constatado, por exemplo, no seu discurso *O Poder Preto*.

Você pensa que os Africanos foram escravizados sem lutar pela África? – que não lutaram, e esperaram pela Afrocentricidade? Não! A LUTA CONTINUA. Afrocentricidade é só um termo. Não dá o conteúdo da luta. A luta sempre teve lá, como uma lei científica: *onde houver opressão, haverá resistência* – mesmo que não a detecte a olho nu, há resistência!

Veja os EUA: vivem por aí cantando vitória; pensaram que tinham tudo sob controle – 1 de janeiro do ano passado, forças de oposição se levantaram atirando de toda parte. De onde vieram? *“Onde há repressão, há resistência – mesmo que não seja detectada a olho nu.”* E sei que onde quer que Africanos sejam oprimidos – NÓS LUTAMOS! De todas as formas, nós lutamos! Então, não entendo esse ponto.

Capitalismo e socialismo parecem ser tendência aqui entre Afrocentristas... Um dos erros que acho que cometem é que permitem, ouçam bem, permitem que um ponto da história europeia torne-se a “história universal do mundo” – e aí reagem. Não, não eu. Sei que um ponto da história europeia não é toda a história do mundo. Sei disso. Sei que a África fez grandes contribuições para a humanidade. Capitalismo e socialismo são sistemas econômicos, não têm absolutamente nada a ver com a Europa.

Karl Marx não inventou nem fundou o socialismo, mesmo que muitos digam isso. Ele apenas *descobriu*. Isso é tudo. Ele descobriu as leis do socialismo. Ele não as *fundou*. Chamamos de ‘lei da gravidade’ – Newton não inventou que um corpo cai a 32 pés por segundo ao quadrado. Marx não pode inventar a forma como o capital oprime o trabalho, e que trabalhadores se levantarão contra o capital. Marx não pode inventar isso. A propósito, gostaria que o Prof. Asante fosse ler Ibn Khaldun. Um Africano, tunisiano do século 12, que em seus escritos usa termos como ‘*excedente*’, ‘*valores excedentes*’, ‘*propriedade*’, ‘*direito a propriedade*’ – ele usa todos os termos que Karl Marx usa. Ele escreveu isso no século 12, e ele era Africano. Valores socialistas encontrados no comunismo.

Estou certo de que o Prof. Asante sabe que *o comunismo durou mais na África do que em qualquer outro continente*. Logo, esses valores já estão lá e facilitam um sistema socialista. Socialismo e capitalismo não têm nada a ver com Europa, assim como ar e água não têm – ou você pensa que eles também inventaram ambos, ar e água?

**público:** *[excitação, burburinho]*

**moderador:** *Você tem perguntas?*

**Jamison-Hall:** *Gostaria que comentasse a resposta.*

**público:** *[aplausos]*

**Molefi Asante:** *Bem, a primeira coisa que me vem à mente...*

Primeiramente, Ibn Khaldun era racista. Eu o li. E ele disse muitas coisas negativas sobre o Povo Africano. Então... vamos ao coração do assunto. Se nós, por exemplo, pegarmos a noção de Europa e a olharmos em termos isolados – e eu não conheço nenhum Afrocentrista que veja a Europa como sendo “universal”, como em “cultura universal”. De fato, o que Afrocentristas questionam é que *a particular*

expressão da Europa, tem sido imposta a outros povos *como se fosse universal*. Europeus têm feito isso. Aliás, têm feito isso com todos os seus conceitos. Quando falam sobre o “mundo clássico”, eles impõem: é apenas Grécia e Roma. Ou quando falam sobre “balé clássico”, impõem como se houvesse apenas a dança *da* Europa – toda a noção de imposição de *particularismos, como universalismo*. Realmente, não é uma noção Afrocêntrica. É uma noção europeia. E é o que têm feito. Então, nós não projetamos isso como ataque. Nós vemos isso como *parte do que está acontecendo com o Povo Africano*.

Para o Povo Africano, por exemplo, em termos de Pan-Africanismo, nós o vemos como *um objetivo* do Povo Africano, que é a Unificação da África e do Mundo Africano *como* Povo Africano. E nós vemos isso como objetivo. Mas *um objetivo, por si só, não é um programa*. E um objetivo não é uma filosofia. Pan-Africanismo é uma meta, não uma filosofia. E é verdade que se pode ter Pan-Africanismo, ou Pan-Africanistas, antes da Afrocentricidade. Mas estes indivíduos – como, por exemplo, Kwame Nkrumah, que articulou a ideia de Pan-Africanismo de forma concreta, extraída de sua filosofia do *Consciencismo*<sup>17</sup>, foi o que podemos chamar de ‘Afrocentrista incipiente’. Ele não disse isso, mas qualquer indivíduo que diga que a nossa resposta particular ao universo deve ser baseada em nossa própria cultura, é Afrocentrista. Essa pessoa é uma agente. Essa pessoa é protagonista.

Kwame Nkrumah acreditou fundamentalmente numa visão de mundo Afrocêntrica. Mas o que digo – minha posição é: se você diz que é Pan-Africanista e não é Afrocêntrico, então, a pergunta é – e talvez o Kwame possa responder – você é eurocêntrico?

**público:** *[excitação, burburinho]*

**Jamison-Hall:** *Tenho mais perguntas antes das perguntas do público. A primeira é direcionada aos dois. Dr. Asante, como o Afrocentrismo responde a opressão da mulher? E, para o Sr. Ture: como o A-APRP responde a opressão da mulher?*

**Kwame Touré:** *A África deu ao mundo as primeiras rainhas séculos atrás.*

E, se não me falha a memória, existe um estudo do Professor John Henrik Clarke<sup>18</sup>. Ele aponta, com grande documentação, que toda vez em que uma rainha esteve no trono, e a África era atacada, não havia nenhum prejuízo. John Henrik Clarke aponta que durante o reinado de nossas rainhas na África, a África avançou tecnológica, economicamente – e em todas as outras áreas. Portanto – como um Africano consciente – eu entendo perfeitamente que eu posso facilmente ser dirigido por rainhas. A única rainha que você lê no corão, é uma rainha que vem da África. A única rainha que se lê na Bíblia – é da África. Portanto, como Africano consciente, entendo o papel da mulher.

---

<sup>17</sup> Ao fim deste documento, disponibilizamos o livro onde Kwame Nkrumah fornece as bases e articula o conceito por trás da filosofia de *Consciencism – Philosophy and Ideology for De-Colonization*, 1964 – além do quarto capítulo desta, cujo qual foi traduzimos, onde o irmão procura definir essa sua filosofia.

<sup>18</sup> Não sabemos ao certo, mas temos um ensaio do Dr. Clarke, em nosso acervo, que trata exatamente das Rainhas Guerreiras Africanas, o qual disponibilizaremos também ao fim deste documento – não sabemos ao certo (por inexatidão na citação) se é a tal estudo que Kwame Ture se refere, mas tudo indica que sim.



África introduziu o MATRIARCADO no mundo, de forma bem ampla. ESTAMOS AQUI POR MULHERES SEREM PODEROSAS, e herdamos isso delas. Portanto, entendo que a desestabilização de nossa sociedade foi causada pelo colonialismo, que tornou nossas mulheres escravas – dos escravos! Nitidamente. Então sofreram TRIPLA opressão – não só dos colonizadores, mas dos próprios Africanos, que, enquanto combatiam o inimigo, descontavam frustrações nas mulheres, o que é certamente retrógrado, não há discussão.

A forma de resolver, a forma de resolver o problema, a forma como o APRP resolve o problema – é que nós temos liberdade em nossa organização. Temos, dentro do partido, a A-AWRU<sup>19</sup> (União Revolucionária de Todas as Mulheres Africanas). Mulheres são oprimidas porque CARECEM DE ORGANIZAÇÃO. Por isso – são oprimidas. Consequentemente, se você leva a libertação das mulheres a sério, você as apoia na criação de suas organizações, e lhes dá poder. A A-AWRU é o braço mais poderoso do nosso partido. Não há nada mais organizado que elas em nosso partido, e nem mais poderoso. Jamais haverá um A-AMRU (União Revolucionária de Todos os Homens Africanos). Homem oprime Mulher. E se quiser acabar com o problema, você descompõe a organização dos homens, cria a organização das mulheres e deixa as coisas rolarem, até seus devidos lugares. Portanto, nossa posição é: mulheres DEVEM se organizar, e devem se organizar para lutarem por si. Não serão libertadas por seus Irmãos, seus maridos, nem seus amantes.

**Molefi Asante:** *A Filosofia da Afrocentricidade acredita que*

a libertação das mulheres – muito do que Samora Machel disse uma vez – “*não é um ato de caridade*”, e é consenso não ser caridade, mas UMA NECESSIDADE FUNDAMENTAL, pra qualquer pessoa madura. A posição Afrocêntrica é: que devemos desafiar qualquer sistema de produção de morte, da guerra de gêneros, guerra de classes, guerra de raças, guerra de sexos... E as mulheres não só tem direito, elas têm mais direito que os homens que as oprimem como paternalistas. E, num sistema patriarcal, não há quem mais lute pela libertação.

Mulheres Afrocênticas estão lutando! O Afrocentrismo não assume uma posição contra as mulheres, e acreditamos fortemente no papel histórico das mulheres, desde a época de Hatshepsut e antes, temos participado integralmente no governo e na direção da África de Faraós. Quero dizer: que temos em nossa própria história, enormes exemplos, e citamos seus nomes: Fannie Lou Hamer, Anna J. Cooper, por exemplo, e assim por diante. Então, Afrocentricidade como filosofia, certamente é, talvez... é a posição mais *progressiva* que alguém pode ter, porque é sobre intervir, é sobre mulheres fazendo sua própria intervenção, é sobre mulheres vendo seu próprio senso como protagonistas – como centros e como sujeito – como sendo iniciadoras e AQUELAS QUE SÃO RESPONSÁVEIS POR SUAS PRÓPRIAS PERSPECTIVAS E VISÃO DE MUNDO, com seus próprios olhos.

Então, Afrocentricidade, nesse sentido, é fundamental para a liberação da mulher.

---

<sup>19</sup> *All-African Women's Revolutionary Union, A-AWRU.*

**Jamison-Hall:** *Muito obrigada... Temos perguntas?... Lá... Por favor, lembrem-se que o Sr. Ture tem um voo marcado... Tem alguém falando...*

**participante da plateia:** *Minha pergunta é: como pessoa Africano-americana, pessoa Africana nascida na América, como nos preparamos mental, emocional, física e espiritualmente, para essa revolução?*

**Kwame Ture:** *Pra mim? – Pra mim ou pros dois?*

**pp:** *Pro Senhor.*

**Kwame Ture:** *O jeito de se fazer isso é SE JUNTANDO A ORGANIZAÇÕES, porque a revolução deve ser feita de forma sistemática, e as organizações são isso.*

Um de nossos aspectos mais fracos é que somos um Povo... totalmente desorganizado. Reunimos um milhão, ou mais, num minuto, e depois sentamos, e esquecemos tudo. Não temos poder de sustentação porque não temos organização. Portanto, para corrigir isso, cada um de nós deve *se juntar a organizações*. Isso tem sido nosso tema constante. Tenho pertencido a organizações POR TODA VIDA. Todas as grandes pessoas que conheço pertencem. Malcolm X foi tão grande, que quando ele deixa a Nação do Islã<sup>20</sup>, ele cria 2 organizações: Mesquita Muçulmana<sup>21</sup> e Organização da Unidade Afro-Americana.<sup>22</sup>

Martin Luther King era um irmão foda. Eu o conheci, tive a chance de vê-lo. Ele tinha a Conferência da Liderança Cristã Sulista<sup>23</sup>. Fannie Lou Hamer, Irmã foda. Ela tinha uma organização. Assata Shakur, irmã foda. Ela tinha uma organização. Angela Davis, quando deixou o Partido Comunista, foi direto pro... Comitê de Correspondência para Democracia e Socialismo<sup>24</sup>. Todos – e eu – sempre estiveram em organizações, a vida inteira.

Nosso Povo, que não pertence, a organizações, pensam que são “grandes”, que são “super-homens”<sup>25</sup>, e que são maiores que Martin Luther King e Malcolm X. Mas – se tivermos humildade – nos filiaremos a organizações.

*E uma vez que nos tornemos organizados, a liberdade virá na sequência – como o Sol vem depois da Lua.*

**Jamison-Hall:** Obrigada

**público:** *[aplausos]*

**Molefi Asante:** *Quero dizer que concordo com o Irmão Ture.*

---

<sup>20</sup> *Nation of Islam, NOI.*

<sup>21</sup> *Muslim Mosque Inc.*

<sup>22</sup> *Organization of Afro-American Unity, OAAU.* Referência à OAU, *Organization African Unity* (Organização da Unidade Africana). Que a pouco tempo havia sido fundada em resposta ao 5º Congresso Pan-Africano, o qual Kwame Ture fez menção. A intenção de Malcolm X era a formação de uma poderosa Nação Preta, também, fora do Continente, em Diáspora.

<sup>23</sup> *Southern Christian Leadership Conference, SCLC.*

<sup>24</sup> *Committees of Correspondence for Democracy and Socialism, CCDS.*

<sup>25</sup> Referência ao filósofo cético e niilista Nietzsche, tido como “pai” da pós-modernidade – no sentido de uma crítica à “tradição” –, que elaborou a ideia de *super-homem*, radicalizando a noção evolucionista que vogava em seu tempo, e que, em última instância, forneceu uma base filosófica para ideologias como o nazismo – tanto quanto Kant (‘a paz perpétua’) pro fascismo – segundo Malcolm X em sua autobiografia.

Apenas gostaria de acrescentar uma coisa. Me parece que somos... que somos organizados. Se você olhar todas as organizações na Comunidade Africano-americana, as chamadas *organizações sem fins lucrativos*, as igrejas<sup>26</sup>... literalmente, todas as organizações da Comunidade Preta. Então, não são todas as organizações que precisamos, mas organizações com *propósitos*. Percebe?

Eu não... eu não, eu não acho que... acho que devemos ter cuidado em apenas *estarmos* em organizações. Precisamos estar em organizações que são bem definidas – suas missões são bem definidas – e que tenham um propósito. De outra forma, nós simplesmente... não teremos um veículo apropriado para conseguirmos o que precisamos.

**KT:** *Para poupar tempo, quero levá-los a uma conclusão lógica. Ouçam: má organização é melhor que nenhuma organização sequer.*

Ouçá o que eu digo. O fato que está apontando não é verdadeiro. Menos de 3% do nosso povo pertence a organizações. Vá a qualquer lugar onde haja Africanos e pergunte – “*A qual organização pertence?*” – “*Eu não acredito em organizações!*” – “*Isso tá por fora!*” – “*São corruptas!*” – “*Só querem dinheiro*” – “*Não fazem nada...*” – “*Tu sabe que o Farrakhan não é sério...*”. Tudo que fazem é criticar. Não pertencem a organizações. Procure saber quantas pertencem a organizações, e verá. Elas não pertencem a organizações. Isso é uma tragédia! TEMOS MAIS ORGANIZAÇÕES DO QUE QUALQUER OUTRA COMUNIDADE NA AMÉRICA, mas menos pessoas ORGANIZADAS nelas. A NAACP tem menos de 2% da população como membros. Então, como diz que somos organizados?

**MA:** *Apesar de termos diferentes estatísticas, me parece que o maior número de Africano-americanos estão nas igrejas.*

Elas são organizações, mas não são o tipo de organização que vai nos levar onde precisamos. Mas elas estão em organizações; pessoas pretas estão em organizações. E acho que o que devemos começar a falar é...

**KT:** *Desculpe, digo organizações lutando – lutando para libertar o Povo...*

**MA:** *Nós concordamos.*

**KT:** *Ok.*

**MA:** *Mas eu sei. Eu só... eu apenas acrescentei precisão a sua ideia – só queria garantir que fosse preciso.*

**KT:** *Sim, eu sei. Eu disse isso antes. Mas, agora, quero que saiba: nos 1960, aquelas igrejas... tiveram uma grande luta no sul e produziram pregadores muito poderosos – como Fred Shuttlesworth, C.T. Vivian.*

---

<sup>26</sup> Suspeitamos que tal posicionamento parta da análise de Carter Woodson em ‘A deseducação do Negro’ – o tipo intelectual que Asante chamaria por “Afrocentrista incipiente”. Nesta obra, Woodson acredita que o “*décimo talentoso*” – o negro erudito que “abandona as massas” – é um fator para o atraso da Comunidade Preta. Em contrapartida, Woodson aponta a igreja negra como um fator de organização.

**MA:** *É verdade.*

**pp:** *É um reforço no acordo entre vocês dois, porque eu estava prestes a dizer isso. Depois de sintetizar o que os Senhores... Sr. Ture e o Sr. Asante dizem, me parece que há uma espécie de “disputa de termos”. Realmente, ambas posições apoiam uma a outra. Penso que antes de termos um Pan-Africanismo, precisamos ter nossos próprios termos culturais e pontos de vista. Então, nossos currículos escolares, seja no continente, nos EUA, no Caribe, seja onde estivermos, deve ser similar. Hoje, na África, todos lemos história europeia. Não sei nada a meu respeito, fui nascido e criado na Nigéria e isso me torna uma caricatura dos europeus, e não o preto que preciso ser. Então, para Pan-Africanizar, temos que Afrocentrar. Obrigado.*

**JH:** *Quero lembrá-los que... se atenham as perguntas, vão direto às perguntas, para otimizarmos o tempo.*

**pp:** *Então, minha pergunta é para o Sr. Kwame Ture. Já dissemos isso, você sabe. Então, gostaria que comentasse minha posição, que é: para que possamos Pan-Africanizar, primeiro temos que Afrocentrar.*

**KT:** *Mas isso, quero que entenda...*

que isso só pode ser conseguido através de uma organização, irmão. Se você se *centrar em si*, que proveito tem o resto de nós? Você deve se Afrocentrar em organizações. Sem nos organizarmos, não conseguiremos. Nosso Partido, A-APRP, em 1972, disse a todos: que a forma de fazermos Africanos do país usarem a palavra ‘Africano’ não seria através da imprensa. Arregaçamos as mangas e trabalhamos. E hoje nos chamamos Africano-americanos. Em breve, deixaremos o ‘americanos’ e seremos Africanos/as *na* América. Então, você não pode se centrar, a menos que seja de forma organizada. E quero que saibam, que falar de Pan-Africanismo – está se falando de organização. De organização revolucionária, tão precisa quanto a dos Vietnamitas, quando destruíram o imperialismo dos EUA.

**pp:** *Irmão Ture, minha pergunta é pra você. Sobre a questão de um Governo Africano, você concorda com o Dr. Asante, no ponto que países com Governo Africano não existem?*

**KT:** *Ele provavelmente está certo. A grande maioria dos ‘nossos líderes’ pelo mundo, representam nada além de escória da nossa raça. Isso é um fato. É um fato! Sim, é fato.*

**pp:** *Obrigado.*

**KT:** *Mas... mas, obviamente,*

sabemos que, desde a independência, grandes movimentos foram feitos. Para conduzir o que falamos aqui: Kwame Nkrumah fez, Julius Nyerere fez, Sékou Touré,

óbvio, Patrice Lumumba, Nasser, Gaddafi ainda faz<sup>27</sup>. Estas tentativas foram feitas. Apesar do trabalho de encarcerar um a um, deixaram os imperialistas sem alternativas, exceto o neocolonialismo. Mas Kwame Nkrumah nos informou<sup>28</sup> – que “o neocolonialismo é o último estágio do imperialismo”. Vamos derrubá-los e seremos um continente socialista.

*pp: Já que chegamos nesse ponto, já que chegamos nesse ponto, no caso de estarmos dificultando, estando fora do continente, a Mãe-África, como podemos nos alinhar, aqui na América, e em outros países, como uma verdadeira unidade, já que não temos um país governado por...*

**KT:** *Com a MASSA POPULAR.*

Por exemplo, o A-APRP tem grandes relações com muitas organizações revolucionárias na África. Muitas delas. Temos com o Partido Democrático da Guiné, com o Partido Africano pela Independência da Guiné, Guiné-Bissau e Cape Coast – PAIGC, desde que separaram. Temos relações com todos os Movimentos de Libertação. ZAPU, MPLA, FRELIMO, PAC, ANC, SUAPO, JAPO, etc., etc. – e mantemos essas relações.

Nossas ações devem ser feitas *pelo povo*, não por governos, já que são corruptos. Na Líbia, temos um Governo sério. Não, Gaddafi é incorruptível. É por isso que não gostam dele. É por isso. Ele é incorruptível.

**pp:** *Você concorda com isso, Asante? – você concorda?*

**MA:** *Acho que basicamente concordo com isso.*

*pp: Obrigado, Irmãos. Sou de Dayton, Ohio. 27 anos, empresário. Tenho meu próprio negócio. Uma gravadora. Sou artista e tenho outros artistas comigo. Somos positivos para a Pretitude<sup>29</sup>. Não somos racistas – respondemos ao racismo. Só vou tomar alguns segundos, provavelmente 1min e 10 segundos, para mandar algo pra vocês e todos aqui. Ok. Eu só...*

*Estou levando prum outro estilo, enquanto sirvo ao mesmo propósito sério  
Estou deixando os edomitas na poeira pra fazer Pessoas Pretas reverem  
e checarem as pessoas rosadas  
Tentam conseguir via bronzamento, mas não aturam o Homem Original.  
Que é marrom escuro, então às vezes nos chamam marrons  
Mas nós fomos os primeiros, então ouçam:  
na Bíblia dizem que o homem foi feito do pó da terra,  
Más notícias pro povo rosa  
Oh, oh!  
Oh, não, não existe pó rosa  
Então ouçam um conselho:  
povo rosa, consertem isso*

---

<sup>27</sup> Gaddafi foi assassinado pelos “terroristas ocidentais” (como ele chamava os euroamericanos) em 2011.

<sup>28</sup> Em *Neo-Colonialism – The Last Stage of Imperialism* (1965), também disp., sempre ao final deste doc.

<sup>29</sup> Traduzido também por *Negritude*, mas aqui entendida a partir do termo *Blackness* que, como podemos ver, parte da palavra *Black*, preto, e não da raiz *Nègre*, que remete ao termo ‘negro’.

*porque muito do que está na Bíblia aconteceu no Egito,  
deixa quieto... Vocês gostam de filmes de Jesus Cristo na minha TV  
e eu não vejo ninguém que se pareça comigo  
Isso realmente me enoja  
Eu rio de vocês porque agem como se não quisessem que eu soubesse  
que o Egito é na África  
Mas pra mim é fácil, isso só mostra  
o tipo de lavagem cerebral que vocês fazem  
Então eu digo, Pretos: eles fazem isso porque têm raiva de vocês  
Eu faço isso pelo lugar que você viaja em querer controlar  
Mas, diabo do olho azul, estou te avisando agora:  
Você venderá sua alma ao diabo de olhos castanhos. Paz!*

**público:** *[excitação, burburinho]*

**JH:** *Vamos nos ater as perguntas. Muito obrigada!*

**KT:** *Ele fez uma pergunta retórica.*

**público:** *[aplausos, risos]*

**pp:** *Eu me dirijo ao Irmão Ture e ao Irmão Asante. Vocês discutiram bons pontos. O que eu gostaria de saber – Irmão Ture: qual a sua visão sobre a Afrocentricidade? E, Irmão Asante – qual a sua visão sobre o Pan-Africanismo?*

**KT:** *Penso que temos que ter mais cuidado, ao tentar afirmar que muitas pessoas eram Afrocêtricas, porque foi um choque ouvir que Nkrumah era Afrocêntrico.*

Eu não sei porquê a palavra ‘Afrocêntrico’... Por que não Pensamento Africano, ao invés de *Pensamento Afrocêntrico*? Eu não desejaria um Pensamento Afrocêntrico na Europa. Eu só quero manter ‘AFRICANO’. A história mostra – e quando olho a história europeia, faço isso com os olhos de um Pan-Africano –, o fato que sempre destacamos, que a base está na cultura, não é nada novo. Marcus Garvey disse isso. E isso foi há muito tempo. Óbvio que... se ler Nkrumah, ele disse isso.<sup>30</sup> Já li todos os grandes livros. Li ele, Marx, Lenin...

Li grandes livros, mas o que mais acendeu o entusiasmo foi ‘Filosofia e Opiniões’<sup>31</sup> do Honrável Marcus Garvey. Então, é nítido que encontrar escritos no caminho do resgate, te levará de volta ao que Marcus Garvey disse. A África sempre esteve numa luta cultural. Aliás, nós pensamos que um dos problemas com a... ‘revolução europeia’, é que *eles fizeram uma revolução cultural*. Isso foi feito fora da Europa, desde os anos 60. Mao Tse-tung fez revolução cultural. A revolução cultural Africana por toda América Central, Sul e Caribe – é revolução cultural. Então, a cultura sempre esteve na luta.

---

<sup>30</sup> Note que tanto a Afrocentricidade – “*Consciência precede União*” – quanto o Consciencismo – nas palavras de Nkrumah, “*Prática sem pensamento é cega*” – estas proposições filosóficas parecem postular a mesma coisa, mas é só aparência, conforme se pode ler em nossos apontamentos e reflexões iniciais.

<sup>31</sup> *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*, 1923. Editado e publicado por Amy Jacques Garvey.

Revolução cultural foi feita por todos que foram colonizados. Porque a primeira coisa a se recuperar – É A CULTURA, para que ela *conduza* o movimento. Então, quando falo de Afrocentrismo, é antes uma luta pela reconquista da integridade da nossa cultura. E nessa luta, é preciso travar batalhas sérias. Não apenas cai do céu, e você lê vários livros e diz “Ok... já fiz minha cabeça, deixe-me *assistir a luta*”. Não, é *em* luta que você se torna politicamente desperto. Não é fora – é na luta! Porque *só a ação comprova a teoria*.

**público:** *[aplausos]*

**MA:** *Pan-Africanismo.*

Sim, Pan-Africanismo, pra mim, é a meta, o objetivo da Unificação da África. É o OBJETIVO MAIOR. Não importa se será ou não conquistado daqui a 100 anos. Eu não sei. De fato, nossos corações sentem que sim. A razão de não poder ser conquistado nos próximos 100 anos, é porque nós não temos os mecanismos à disposição – as instituições à disposição – para articularmos uma comunhão de interesses entre os Povos Africanos. De fato, é nisso que acredito.

O Irmão Ture está trabalhando pra isso, mas eu não penso que se possa criar isso efetivamente, sem que se tenha uma consciência em comum por parte das pessoas. E consciência, de fato, pode vir através da luta. Mas não vem *necessariamente* através da luta. Aliás... uma das coisas que aprendemos no sul da África, foi quando o povo em Moçambique afirmou que a revolução por si só foi uma *universidade* – e tudo que temos a fazer é com que as pessoas se envolvam na revolução, e teremos uma mudança em suas atitudes; o que descobrimos foi que, após a revolução, quando as pessoas saíram da luta física, elas permaneciam *psicologicamente* escravizadas.

De fato, se for ao Zimbábue agora... Não, melhor, observemos a África do Sul. Se for à África do Sul agora, irá descobrir, lá, que as massas populares, mesmo aquelas que participaram da luta, ao menos em parte, permanecem psicológica, cultural, educacional e economicamente dominadas. Então, *a luta não é, necessariamente, o veículo para a consciência*. Deveria ser, e na maioria dos casos pode ser.

**pp:** *Boa noite, Irmãos, meu nome é Victor. Estou ouvindo as discussões e explicações sobre Afrocentricidade ou Pensamento Afrocêntrico, seja como cada um perceba em nossa limitada língua inglesa, e também os conceitos de Pan-Africanismo. E, pra mim, eu me vejo absorvendo bem e facilmente. E meu lado direito entende o pensamento crítico necessário para me organizar e buscar uma organização, e meu lado esquerdo, entende o pensamento criativo necessário. Não vejo porque deveria haver... talvez eu esteja percebendo...*

**JH:** *A pergunta.*

**pp:** *Estou tentando. Por favor entenda que uma interrupção não irá me ajudar a chegar onde preciso. Irei me apressar. O problema...*

**KT:** *Tem outros atrás de você.*

**pp:** *Ok, ok. O problema que percebo é: eu não penso que uma tenha que vir depois da outra. Penso que devem vir juntas. E penso que, ao mesmo tempo, me preocupo com o que vi em muitos 'Movimentos Pretos' e isso é o que apoia o estado totalitário, embora de Nacionalidade Preta, ou uma tecnocracia de Nacionalidade Preta. Isso não bate com as minhas ideias de liberdade, na minha concepção de democracia, e não estou usando de um senso europeu. Por favor me ajude nessa conceituação e me ofereçam alguma segurança de que nenhum de vocês dois está fazendo algo que elimine nossa liberdade, e nossa habilidade de crescer como povo, que é parte desse movimento. Entendem, Irmãos? Obrigado!*

**MA:** *Eu não penso que – incluindo a noção do Kwame Ture de Pan-Africanismo e Socialismo Científico, e a Afrocentricidade – acho que ambos estamos totalmente comprometidos com a liberdade humana, com a realização da personalidade humana, e com a expressão da justiça social.*

E penso que estamos comprometidos com uma *democracia participativa*. Então, não penso que você deva se preocupar com isso. Mas penso que... concordo com o final da sua declaração, sobre o Pan-Africanismo ser, por um lado, entendido pelo seu "lado direito", acho que foi isso... e a Afrocentricidade pelo esquerdo. Isso é... plausível! É plausível, da forma que eu gostaria que meu Irmão Kwame entendesse – que *eu acredito no Pan-Africanismo*. Penso que é possível que a filosofia política do socialismo tenha algo para contribuir, para alguma forma de Comunalismo Africano, que ainda não tenhamos explorado. Contudo... é fundamental que o Pan-Africanismo não seja visto separadamente, *como um objetivo sem um veículo*.

Tem que haver um conteúdo intelectual. Tem que haver alguma perspectiva: que quando eu veja alguém da Nigéria ou de Gana eles não me vejam como não sendo parte do Continente Africano.

Em outras palavras, temos esse problema em Dar es Salaam e temos em outros lugares, onde Africanos do Continente, que não aceitam Afrobrasileiros, Afrocubanos e Africanos dos EUA, como parte do colóquio, porque sentem que de alguma forma não são Africanos(as) ou não devam controlar o governo. Isso só *porque não existe uma filosofia*. Se existisse uma filosofia Afrocêntrica, então entenderíamos, que seja qual for o lugar e capacidade como pessoa Africana, nós perceberíamos, seríamos protagonistas, *agentes*, e sonharíamos uns com os outros. Mas isso não pode acontecer até que se tenha uma filosofia. E não há nenhuma filosofia que mova o Pan-Africanismo assim.

**KT:** *Deixe-me...*

**MA:** *E acho que temos buscado o socialismo porque jamais criamos Afrocentricidade.*

**KT:** *Deixe-me tentar usar termos precisos, do ponto de vista revolucionário.*

Existe um objetivo e uma ideologia. Há muita confusão no mundo, desde 1900, e essa confusão se espalhou, e infelizmente por conta da União Soviética.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Disponibilizamos um link ativo ao final deste documento, trata-se de uma análise de Chomsky que se aplica ao ponto aqui referenciado.



Mas o marxismo-leninismo era a única ideologia revolucionária no mundo. Obviamente, como jovem estudante, isso era muito confuso pra mim. O primeiro aspecto da confusão, foi descobrir que ambos eram ateus. Certamente que ateísmo, na Comunidade Africana... Alguém te diz: *“Tu sabe que ele não crê em Deus?”* – *“Ele não acredita em Deus!”* – não tem jeito...

O segundo ponto foi a visão limitada do nacionalismo e seu papel na luta. São os dois principais pontos pra mim. Óbvio que existem outros. Então, desde os anos 60, quem era consciente na luta, realmente observavam esses problemas. *‘Consciencismo’* foi escrito em 1964, o qual o subtítulo era: *‘Filosofia para a Descolonização’*. Logo, a filosofia existe. Nosso partido tem como objetivo – nunca disse nada assim até hoje, disse que Pan-Africanismo é objetivo – nossa ideologia é a de Nkrumah, sendo assim, me desculpe, mas não se familiarizaram com nosso partido ou sabem que a ideologia do nosso partido vem de Nkrumah. O objetivo é Pan-Africanismo.

Logo, há o pensamento e as ações do Nkrumahismo, que representam todos filiados. E isso nos levará ao Pan-Africanismo. Então, tendo resolvido esse problema no partido – concordamos com você. Existe muita confusão sobre Pan-Africanismo. E muitos Pan-Africanistas não têm uma ideologia. *Alguns tentam usar marxismo-leninismo para chegarem ao Pan-Africanismo, e isso os deixa confusos.* Só dei 2 exemplos. Mas no nosso partido não há confusão. A Ideologia do Nkrumahismo nos leva ao Pan-Africanismo.

**JH:** *Já mencionei sobre o voo do Kwame Ture. Então, por favor, vamos as perguntas.*

**pp:** *Como Pan-Africanistas e Afrocentristas veem a Espiritualidade ou Cultura Espiritual na Libertação do Povo Africano?*

**KT:** *Quer que eu comece?*

**MA:** *Vai lá.*

**KT:** *África é um continente muito espiritual...*

Se isolar suas contribuições para as religiões, verá isso. O primeiro Livro Sagrado do mundo foi escrito na África. Escrito por Africanos na África, há mais de 6.000 anos atrás. Erroneamente chamado de “livro egípcio dos mortos”. Graças a luta de muitos intelectuais de hoje, que colocaram suas habilidades na luta do povo, podemos mostrar que o verdadeiro título é: *‘O Livro da Vinda do Dia’*. Imagino ser tua área mais que a minha.

Foi a África que deu o monoteísmo ao mundo. A crença em um único Deus. Foi a África que deu o judaísmo ao mundo. E isso deve ser entendido corretamente. Porque existe muita confusão em relação ao sionismo e seu papel maléfico de tentar deturpar tudo. Judaísmo surgiu na África. Só poderia ter vindo de lá. Porque, naquela parte do mundo, o único lugar que aceitava e pregava o monoteísmo – era NA ÁFRICA.

Se olhar ao leste da África, na Pérsia – eles adoravam o Sol. Na Palestina, adoravam ídolos, até que o profeta Maomé mudasse e desse a eles o monoteísmo na forma do Islã. Então, foi a África que deu o judaísmo ao mundo. Sei que os

primeiros judeus foram Africanos. Por isso eu nunca me confundo quando me chamam de “*anti-judeu*”. Não, eu sou anti-sionista! Não posso ser “*anti-judeu*” – meu povo criou essa *religião*.

**público:** [*cartase*]

**KT:** *Na questão do cristianismo,*

mais uma vez, o papel da África. Quando Jesus cristo estava em apuros, só a África deu refúgio a ele. Foi onde ele aprendeu e cresceu na juventude. Logo no início da Bíblia: Gênesis 2, 13 – Líbia e Etiópia. Se não me falha a memória, na Bíblia chamam Havilah e às vezes Kush. Isso é Genesis 2, 13. Se fizer uma análise estatística da Bíblia, verá que o Egito e Etiópia é mais mencionado que Israel. Certamente, sabemos do papel da África na proteção dos discípulos do profeta Maomé, quando tiveram problemas. Também foi refúgio para... José, quando foi vendido pelos irmãos no Egito. África é muito espiritual. Apesar disso, isso deve ser muito respeitado e entendido. Mas não precisamos levar para uma discussão sobre religião. É aí que as pessoas se confundem. Entre espiritualidade e religião. Só queremos frisar: Africanos certamente têm um grande senso de espiritualidade. E mesmo um não-Africano – no continente, fica maravilhado.

**público:** [*aplausos*]

**MA:** *Não preciso acrescentar muito a isso.*

Contudo, o que preciso dizer é que, em termos Afrocêntricos sobre a espiritualidade, nós acreditamos, e também sentimos, que em termos de espiritualidade, é necessário, em primeiro lugar, entender *como o Povo Africano vê o universo*. Tudo é tudo. E se Tudo é tudo, então, também é impossível para nós vermos como alguém desenvolve ética, moral, valores e assim por diante – se a Terra não pertence a você, mas pertence a todos as pessoas.

Então, existem certas formas de se tratar a Terra – digo, existem premissas ecológicas a se desenvolver, como trata os rios, como trata as árvores. A espiritualidade do Povo Africano, que é fundamental e essencialmente baseada na ideia que todos somos parte do Universo, e uns dos outros, significa consequentemente que *relacionamento* é a base para a Espiritualidade Africana.

Nosso relacionamento com os Ancestrais. Nosso relacionamento com os ainda não nascidos. Nosso relacionamento com as Divindades. Nosso relacionamento com a Natureza. Todas essas coisas são relacionadas, e essa é a parte fundamental da Espiritualidade Africana. E me parece que nós não estamos, nesse ponto, despertos para o potencial integral da nossa espiritualidade.

E é diferente de religião. Porque religião nesse país, ou talvez em toda parte, religião se torna, seja o Islã ou... judaísmo, cristianismo, hinduísmo ou Yorùbá – religião se torna a deificação do nacionalismo. É a sacralização das suas tradições históricas. E consequentemente é diferente de espiritualidade. Estamos abertos aos desafios espirituais do mundo, baseados na nossa noção de sermos parte do Universo.

**JH:** *Próxima pergunta.*

**pp:** *Irmão Ture, estivemos juntos em 94, e com Maya Angelou na Conferência Padmore. E a minha pergunta pra você e... ao Prof. Asante – ele é meio clarividente, e praticamente respondeu a isso. Então, minha pergunta a você é: dada a perseguição histórica dos Africanos, no Continente e na Diáspora, como reconcilia socialismo e capitalismo, que historicamente não parece ter funcionado para o Povo Africano? E ao Prof. Asante, como reconcilia as diferenças que parecem vastas entre Africanos continentais e Africanos principalmente na América do Norte.*

**Kwame Ture:** *Não entendi sua declaração, quando diz que o socialismo não funcionou para Africanos e como se pode unir ambos.*

Nossos princípios são de que não há compromettimentos nem meio termo.<sup>33</sup> Ou você diz uma verdade, ou você diz uma mentira. Não existe meio termo. Ou se acredita em Deus ou não. Não existe meio termo. O capitalismo é um sistema de exploração. Ou se opta por um sistema de exploração, ou se opta pelo socialismo como sistema de não-exploração. E não existe um meio termo entre escravidão e liberdade. E capitalismo é escravidão, e socialismo é liberdade – para a mudança econômica que o capitalismo trava. Obvio que posso estar errado, mas essa é a minha lógica. E você deve entender a minha lógica.

**MA:** *Bem... não quero fazer essa pergunta ao Prof. Ture. Então será retórica. E a pergunta seria em relação ao que o irmão disse e se ele pudesse dar exemplo de onde o socialismo funcionou, mas não vou me ater a isso. Deixe-me apenas...*

**KT:** *Eu sei que não faria...*

**MA:** *Mas chegaríamos na questão dos princípios cristãos, porque eu faço meu julgamento do cristianismo com base nos cristãos. Mas essa é outra história. Em resposta a...*

**KT:** *E não tem nenhum cristão aqui, você sabe.*

**MA:** *Em resposta à pergunta, nunca tive nenhum problema com Africanos continentais.*

Então sempre que ouço isso, sempre me incomodo e tento entender qual a situação. Acho que tem muito a ver com a abordagem que Africanos Continentais e em Diáspora adotam uns com os outros. Mas como Afrocentrista, eu busco a abordagem fundamental, que é a experiência de escravidão e colonização de todos

---

<sup>33</sup> “Eles dirão que “esse homem, Kwame Ture, ele não tem compromisso, tudo que ele fala: branco ou preto, quente ou frio, molhado ou seco – e que não há meio termo, não há área neutra quando ele fala” – e eles estão absolutamente corretos. Eu sou um revolucionário, e eu falo por princípios pelos quais estou pronto – a qualquer hora, sem vacilar – para derramar meu sangue. E eu nunca comprometeri esses princípios para viver. Eu não. Consequentemente quando falo de revolução, eu falo de princípios; e quando se fala de princípios, não existe meio termo – não existe “área neutra”. Então, que fique bem nítido – se o seu povo é oprimido: ou você é *pelo povo* ou *contra o povo*. Não há meio termo. Que entendam corretamente, se o seu povo é oprimido e você não se envolve na luta para libertar seu povo – só pela tua inação, você está contra o seu povo.” (Kwame Ture)

nós, que realmente nos colocou nas mesmas condições e conseqüentemente *eu vejo pessoas no Caribe ou no Continente ou na América do Sul como meus irmãos e irmãs.*

Então, penso que possivelmente eu discutiria que uma forte... *orientação Afrocêntrica, em relação ao Pan-Africanismo, pode ser uma solução para esse problema.*

**pp:** *[inaudível]*

**MA:** *Bem, estão começando a falar sobre... sim, mas estão começando a falar sobre isso. É o que eu disse. Você disse que Africanos não falam sobre Afrocentricidade.*

Afrocentricidade só tem 16 anos como uma filosofia. 'Afrocentricidade', o livro, saiu em 1979 ou 1980. Então, é uma filosofia relativamente nova. Mas já se tem, por exemplo, como Herbert Vilakazi na África do Sul, um dos professores lá. É um grande estudioso Afrocêntrico. Tem muitos na África, posso citar no Congo, Zaire, e por aí em diante. O número de pessoas pelo Continente Africano, mesmo na Nigéria e Gana, que se consideram como filósofos e pensadores Afrocêntricos... Então... o que eu discutiria é que quanto mais temos a consciência da qual falamos, melhor para o tipo de *relacionamento* que devemos ter.

**JH:** *Temos tempo para mais 2 perguntas.*

**pp:** *Meu nome é Peter... Minha pergunta é: como chegaremos finalmente a uma solução para acabar com a corrupção entre os que estão no comando? É tudo que eu gostaria de saber. Quando finalmente chegaremos nesse ponto? Como ficaremos a salvo da corrupção? É tudo que eu quero saber. Obrigado.*

**KT:** *A única forma é ATRAVÉS DE UMA ORGANIZAÇÃO DE MASSA*

que, sem a qual, a corrupção não pode ser levada ao esquecimento. Essa é a única resposta. Não existe outro caminho. A razão pela qual nossos líderes são corruptos, *é porque não precisam se reportar a ninguém. NÃO PRECISAM PRESTAR CONTAS a ninguém.* Não existe uma força do povo organizado mostrando quem é que manda. Não se vê em nenhum lugar. Então eles fazem o que querem, não fazem nada por nós, fazem por nossos inimigos. Até aqui nos EUA. Depois de derrarmos sangue para conseguirmos os votos, eles se tornam preguiçosos e mais corruptos que os brancos.

**público:** *[cartase]*

SÓ O FAZEM PORQUE NÃO TEM NINGUÉM PRA COBRAR! E a única resposta é - OR-GA-NI-ZA-ÇÃO. Quando estamos bem organizados, esse problema de corrupção acaba. Uma vez que se tenha uma organização, você pode retaliar. Bem no início, disse que uma das maiores fraquezas da revolução são os traidores desfilando totalmente impunes entre nós. E desfilam. É por isso que nos anos 60 tive problema com o FBI, meu irmão morreu, outro foi preso. Eles desfilam tranquilos. Não acontece nos lugares que não carecem de organização. Logo, se realmente se preocupam - organizem-se! E vou lhes dizer: *não tenho nenhuma*

*solução imediata pros nossos problemas. A única solução é – luta constante! Luta constante! Luta constante! E essa luta deve vir junta com uma constante educação política das massas populares, com uma constante educação política das massas populares.*

Ali no fundo, temos filiados do partido. Lá encontrarão uma mesa com responsáveis pelo nosso partido. Irmãos e irmãs que trabalham pra nos organizar. Se tiver interesse, passe lá. Se quiser se juntar ao partido, convidamos você pro nosso partido revolucionário. Um partido sério. Então se você não é sério, vá pra outra organização e poderá fazer o que quiser.

**JH:** *Só mais uma pergunta. Desculpem, nosso tempo está se esgotando. Tem sido uma grande experiência, mas acho que só dá pra mais uma pergunta. Sr. Ture tem um voo marcado. Só mais uma.*

**pp:** *Oi, meu nome é Calvin e essa pergunta é pro Sr. Ture. Gostaria de saber como vê... as massas trazendo o socialismo Pan-Africano pros EUA? Essa meta seria alcançada por legislação, economia, força ou uma combinação de tudo?*

**KT:** *“POR QUALQUER MEIO NECESSÁRIO.”*

**pp:** *Um pouco mais de direção. Digo que minha pergunta pede um pouco mais de direção.*

**KT:** *Não, essa é uma pergunta pra organização que você se junta.*

Nós temos um mapa traçado. Alguém do nosso partido tem um panfleto sobre Nkrumahismo? Por favor, consiga um pro Sr. Asante. Não, me desculpe. É sério... Pra que você conheça nosso método. Então depende. Nosso partido tem uma solução. Se for a uma Mesquita, o Ministro da Nação do Islã... Ele está aqui ou não? Ele está aqui? Já foi? Ah sim, ali. Se for a Nação do Islã, terão outro programa. Se for a NAACP, outro.

Teu trabalho é decidir que programa é o melhor pra nos conduzir a liberdade. E se for a Nação do Islã, e achar: *“Ah, o que eles falam é nonsense”* – ou ao A-APRP – *“Ah, só falam nonsense”* – na NAACP – *“Só falam nonsense”* – daí, você faz o que é *necessário* pra todos nós – crie uma organização e nos conduza a liberdade.

**JH:** *Dr. Asante, tem uma resposta pra isso?*

**MA:** *A única que tenho é*

que sempre temos que revisar coletivamente os textos do nosso povo. E revemos esse texto coletivamente com constante luta e vigilância, e o Instituto Nacional Afrocêntrico, que é a minha organização, está tentando fazer isso de forma bem efetiva. Eu gostei muito de discutir isso hoje com meu Irmão Kwame. Obrigado.

**JH:** *Agradeço a todos(as).*



[links ativos, abaixo]

- ‘Consciencismo...’ (Capítulo 4)
  - ...e uma ‘crítica à filosofia materialista de Nkrumah’ (parcialmente traduzido), por Emmanuel Ifeanyi Ani
- John Henrik Clarke: ‘Africanocentricidade’
- Cornel West: ‘o dilema do intelectual negro’
  - ...e a “crítica devastadora” de bell hooks [sic]: ‘mulheres negras intelectuais’
  - ...ainda em bell hooks – e fazendo um contraponto com a leitura acima referida: ‘escolarizando homens negros’
- uma breve apresentação à Marimba Ani e sua contribuição Africanocentrada
  - um contraponto à visão de Marimba Ani sobre a sexualidade Africana a partir da irmã Oyèrónké Oyěwùmí: ‘conceitualizando o gênero...’ e ‘laços familiares/ligações conceituais...’
- Dr. Clarke destaca o papel social ativo da mulher Africana: ‘Rainhas Guerreiras Africanas’
- Kwame Ture sobre reforma ou revolução
  - ...para fazer um paralelo com a fala acima: Rosa Luxemburgo, ‘reforma ou revolução’
- Kwame Ture sobre mobilização e organização
  - Kwame Ture: *“temos união de ação, nos falta união de pensamento”*
- uma seleção de textos de Gramsci – dentre eles, ‘filantropia, boa-vontade e organização’
- O que é dialética? (em Hegel e Marx...)

- onde Marx pela primeira vez expressa sua ideia de luta-de-classes: ‘crítica à filosofia do direito de Hegel – introdução’ (um esboço da “crítica da crítica” – ao idealismo “alemão” – naquelas, né...)
- ...onde Marx expõe (não completamente) seu método dialético (ver “polêmica em torno da dialética” no Wikipédia)
- da série “Conheça teu inimigo”: o que era o leninismo? – Chomsky sobre Lenin, Trotsky, Socialismo e a União Soviética
  - ...“Conheça teu inimigo”: ‘uma crítica Africano-centrada à lógica de Marx’, por Nah Dove
  - ...“Conheça teu inimigo”: ‘o marxismo e a questão racial’, por Carlos Moore
  - ...“Conheça teu inimigo”: Kant, ‘A Paz Perpétua – um projeto filosófico [fascistas]’
  - ...“Conheça teu inimigo”: Kant, ‘Das diferentes raças humanas’
- a ‘prerrogativa pós-colonial’: Fanon e cultura por Homi K. Bhabha: ‘o local da cultura’
  - ...e uma resenha crítica à leitura de Bhabha feita pelo mestre Muryatan Santana Barbosa: ‘Homi Bhabha leitor de Frantz Fanon’
  - ...ainda (e meio que em resposta indireta à Bhabha), o ‘materialismo cultural’ do inglês Raymond Williams: ‘cultura e materialismo’
- ainda sobre cultura: para avançar sobre uma práxis revolucionária na visão do revolucionário e intelectual orgânico Frantz Fanon: ‘racismo e cultura’
  - Frantz Fanon: ‘à guisa de conclusão’ – último capítulo de ‘pele negra, máscaras brancas’
 

trecho: “Não quero, acima de tudo, ser mal compreendido. Estou convencido de que há grande interesse em entrar em contato com uma literatura ou uma arquitetura negras do século III a.C.. Ficaríamos muito felizes em saber que existe uma correspondência entre tal filósofo preto e Platão. Mas não vemos, absolutamente, em que este fato poderia mudar a situação dos meninos de oito anos que trabalham nas plantações de cana da Martinica ou de Guadalupe.”
- Dossiê ‘Pronto para a revolução’ nona parte: da importância (de entender) das cultura...
- ...de quebra, Kwame Nkrumah: ‘Consciencism – Philosophy and Ideology for De-Colonization’, 1964
  - Kwame Nkrumah: ‘Neo-Colonialism – The Last Stage of Imperialism’, 1965
  - Kwame Nkrumah: ‘Handbook of Revolutionary Warfare’, 1968
- Molefi Kete Asante: ‘Afrocentricidade – A Teoria de Mudança Social’, 1980
  - Elisa Larkin Nascimento (org.): ‘Afrocentricidade – uma abordagem epistemológica inovadora’
- Julius Nyerere: ‘UJAMAA’ – The Basis of African Socialism’, 1962